

PERNAMBUCO



BEL ANDRADE LIMA

NOLL SOMOS TODOS

JOÃO GILBERTO NOLL, CONVIDADO DA
FLIPORTO 2012, EXPÕE NOSSO ANONIMATO

GALERIA ADELAIDE IVÁNOVA

“Descobrir uma cidade é menos olhá-la e mais (senão unicamente) perceber o que ela nos causa: quais sentimentos novos surgem, que gestos adquire, qual meu novo tom de voz. Enfim, entender uma cidade é perceber, nela, em qual personagem me transformo. Mas as observações de nada valem, se não forem solitárias. É meio como escreveu Milan Kundera (“Viver na verdade só é possível se não houver público nenhum”), só que *on the road*”.



COLABORADORES



Angélica Freitas, jornalista e escritora. É autora ainda de *Rilke shake*, lançado pela Cosac Naify.



Bel Andrade Lima, formada em Design na UFPE, e trabalha como freelancer de ilustração e design.



Carola Saavedra, autora de *Paisagem com dromedário* e *Toda terça*, é colunista do jornal literário *Rascunho*.

E MAIS

Anco Márcio Tenório Vieira, professor do Departamento de Letras da UFPE e autor do livro de ensaios *Adultérios, biombos e demônios* (2009). **Francisco Azevedo**, dramaturgo e roteirista. **Izabel Fontes**, jornalista e mestre em Teoria Literária pela UFPE. **José Luiz Passos** publicou dois livros de crítica e os romances *Nosso grão mais fino* (2009) e *O sonâmbulo amador* (2012). Ele é professor na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. **Luís Henrique Pellanda**, jornalista e autor de, entre outros, *Nós passaremos em branco* (2011). **Tania T. S. Nunes**, doutoranda da Universidade Federal Fluminense e autora de *Corpo e alegoria* (2011).

CARTA DO EDITOR

A edição deste mês do **Pernambuco** se debruça em algumas das principais atrações da Flipporto 2012, que tem início dia 15, em Olinda, com recital da cantora Maria Bethânia. Na nossa matéria de capa, trazemos para os leitores um dossiê especial com um dos maiores escritores do Brasil, o gaúcho João Gilberto Noll, que promoverá uma performance especial no último dia da festa. Noll lançou há pouco o romance *Solidão continental*, que retoma os temas de anonimato e isolamento do homem contemporâneo.

Quem escreve sobre Noll é Izabel Fontes, especialista em literatura latino-americana que faz um passeio pela produção do autor, atando os fios, encontrando pontos em comum e obsessões latentes em alguns dos seus principais títulos. Contamos também com uma entrevista com Noll feita para o **Pernambuco** pela pesquisadora Tania T. S. Nunes, autora do livro *Corpo e alegoria – João Gilberto Noll e Walter Benjamin*. Nosso colaborador Luís Henrique Pellanda conseguiu uma longa entrevista com Mia Couto, que chega à Flipporto para lançar seu novo romance, *A confissão da leoa*.

Reveladora, a conversa traz trechos como “A guerra não foi feita para ensinar, mas para anular a sabedoria dos outros”, que só demonstram sua postura como escritor combativo, que marca suas grandes obras como *Terra sonâmbula*.

Na seção de *Inéditos*, há também um poema raro de Alberto da Cunha Melo, um dos nomes homenageados da Flipporto deste ano, gentilmente cedido por sua viúva, Cláudia Cordeiro. Na contracapa, o dramaturgo Francisco Azevedo comenta o romance *Doce Gabito*, que é lançado na festa literária e que toma Gabriel García Márquez para falar de obras que se tornam uma espécie de apêndice dos seus leitores, que as completam.

O suplemento de novembro também trata de outros assuntos. É o caso da nova edição de *Quincas Borba*, analisada por um dos grandes machadianos do Brasil, o pesquisador Anco Márcio Tenório Vieira e José Luis Passos fez uma espécie de *trailer* do seu segundo romance, *O sonâmbulo amador*, lançado pela Alfaguara.

Boa leitura e boa Flipporto.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil

Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO

Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO

Luiz Arrais

EDIÇÃO

Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO

Debóra Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira (revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas)

ARTE

Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)
Sebastião Corrêa (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA

Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE

Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

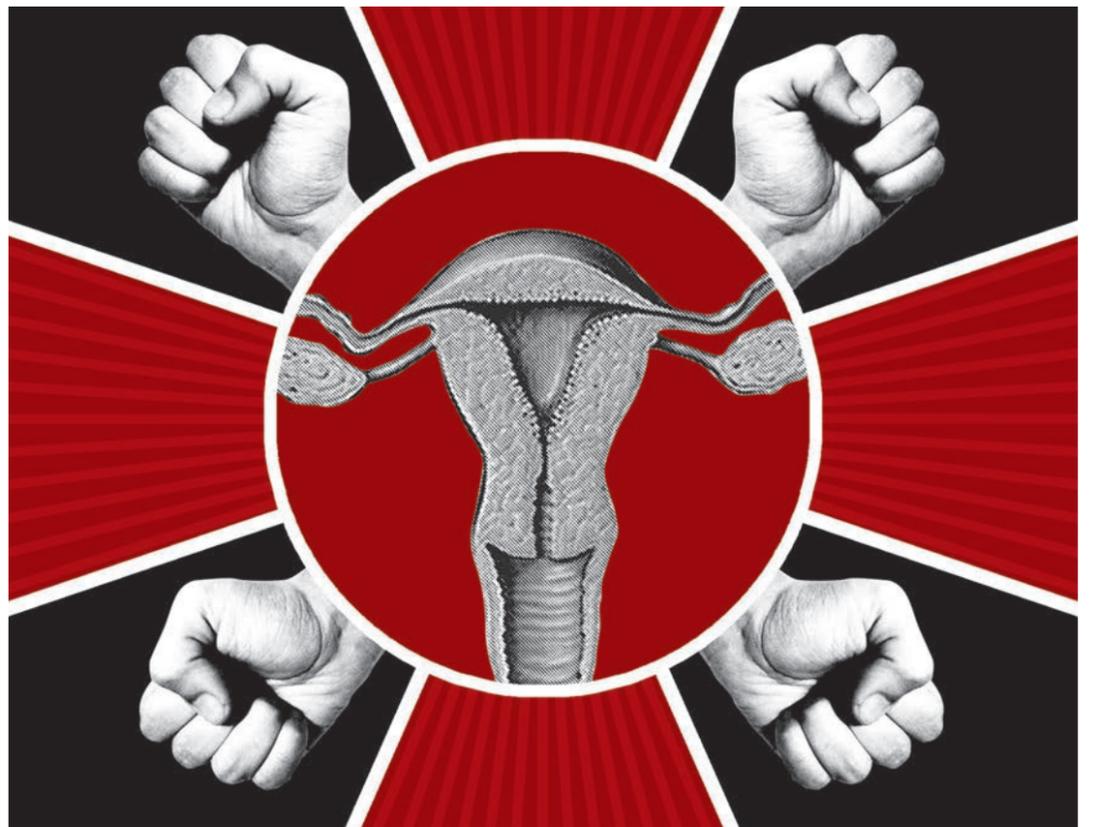
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

Ser mulher é algo que começa neste momento

Em seu segundo livro de poemas, *Um útero é do tamanho de um punho*, a escritora gaúcha revela os discursos que norteiam a questão do feminino

JANIO SANTOS



Angélica Freitas

Um útero é do tamanho de um punho é o título de um poema longo que escrevi depois de acompanhar, de perto, o término de uma gravidez. Foi na Cidade do México, em 2008, e a mulher que precisou terminá-la é muito próxima a mim. Na capital mexicana, o aborto é gratuito e legalizado, mas mesmo assim grupos de mulheres religiosas vão, todos os dias, muito cedo pela manhã, até os portões dos centros de saúde do governo para tentar dissuadir outras de sua decisão. As mulheres religiosas levam fotos de fetos em diferentes estágios de formação, bem como figurinhas de santos, para entregar às que estão na fila para serem atendidas. Entregam também um discurso destinado a constranger. Poucas, entretanto, deixam a fila em frente ao portão, que abre às sete. Do lado de fora, algumas religiosas se valem de megafones.

O poema veio da necessidade de escrever alguns pensamentos sobre essa experiência, para levá-los adiante. Comecei a pesquisar na internet textos sobre o corpo da mulher. Queria ver como eram redigidos, que particularidades textuais tinham, se havia algum tipo de discurso neles. Numa dessas pesquisas, deparei com a frase “um útero é do tamanho de um punho fechado”. Deu voltas na minha cabeça por dias, até que, uma manhã, depois de uma caminhada, sentei e escrevi de uma vez só um poema de cinco páginas. Talvez seja o poema mais diferente que já escrevi, e o mais estranho, também. Certamente é o mais longo.

Minha inquietação não parou. Eu vinha convivendo há mais de dois anos com um grupo de feministas argentinas, de Bahía Blanca, cidade no sul da província de Buenos Aires, onde morei, e as conversas com essas ativistas me fizeram pensar constantemente no que é ser mulher. No que damos como certo, normal, natural, e que na verdade é inventado. Percebi a grande encrenca que era afirmar “a mulher é” qualquer coisa. E me propus a escrever séries de poemas para tentar estender meu pensamento a respeito disso: ver aonde podia chegar com meu repertório de experiências, palavras, ideias sobre a poesia. No início de 2009, elaborei um projeto de escritura de livro e o enviei ao programa *Petrobras Cultural*. No ano seguinte, uma bolsa me foi concedida e comecei a esboçar alguns poemas.

A primeira série a que me dediquei chama-se *Uma mulher limpa*, e preciso dizer, antes de mais nada, que a inspiração veio de uma música que tínhamos lá em casa para os nossos gatos (ah, sim, nós compunhamos músicas para os gatos) e era, basicamente, sobre a necessidade de tomar banho. Os bichanos faziam orelhas moucas, mas a musiquinha serviu de modelo para mim. Comecei a escrever poemas com frases simples, de vocabulário reduzido. Utilizei refrão em alguns po-

emas, repetições em outros, para lembrar canções populares. Conforme a série avançava, os poemas ficaram mais *nonsense*, e me pergunto se esse não foi afinal o único caminho possível para mim.

Alcachofra é outro poema longo do livro, e nele eu casei Amélia, que era a mulher de verdade, com uma mulher barbada de um circo. Por que essas duas personagens? Não sei. Mas já fazia uns cinco anos que tinha vontade de escrever essa história, e sabia apenas que o final seria trágico. Numa das versões mais antigas, a mulher barbada abandona Amélia num quilômetro incerto da Rodovia Presidente Dutra. Na versão final, elas moram no interior do Rio Grande do Sul, e meu foco foi na convivência entediante das duas. E o final, claro, é trágico.

O segundo grupo de poemas se chama *Mulher de*, e minha inspiração foi uma série do Kenneth Koch, na qual todos os títulos continham a palavra *bed* (cama). Decidi escrever poemas cujos títulos comesçassem com “Mulher de”, também no intuito de saber aonde me levariam. Comecei com *Mulher de valores*, mas em vez de escrever sobre uma senhorita comportada, imaginei uma dona de casa que investia na bolsa de valores. Depois veio *Mulher de vermelho*, do ponto de vista de um homem machista. E depois outros poemas começaram a aparecer, um por dia, praticamente. *Mulheres de rollers*, de malandro, de regime, de respeito... Esse último é uma pergunta para mim mesma. A série ficou com uns quinze poemas. Eu tinha escrito quase o dobro disso, sempre de manhã cedo, tomando café. Havia dias em que sentava e escrevia o poema antes de conseguir colocar o pó na cafeteira. Gosto quando isso acontece, e confirma a minha crença em estabelecer um ritmo de trabalho. Cada vez menos acredito em inspiração vinda do nada. Preciso criar condições para escrever. Ou, como diz meu amigo Odyr Bernardi: “Musa é que nem Sedex – se você não estiver lá, não recebe”.

O livro inclui outros poemas e séries nas quais vinha trabalhando há alguns anos, e abordam os temas gênero e sexualidade. Nacionalidade, também. Questões que ocupam minha cabeça. Durante os meses em que fui bolsista da *Petrobras Cultural*, tive o tempo necessário para revisar e editá-las. Nesse intervalo privilegiado, também pude decidir não publicar outros poemas. Vou precisar de mais tempo ainda para perceber erros e acertos. Achava que, ao entregar o projeto, no final da bolsa, o livro estava terminado. Mas não, me parece que começa agora.

CARTUNS

JARBAS DOMINGOS
[HTTP://WWW.QUERODESENHO.COM](http://www.querodeseenho.com)



O LIVRO



Um útero é do tamanho de um punho
Editora Cosac Naify
Páginas 96
Preço R\$ 28,00

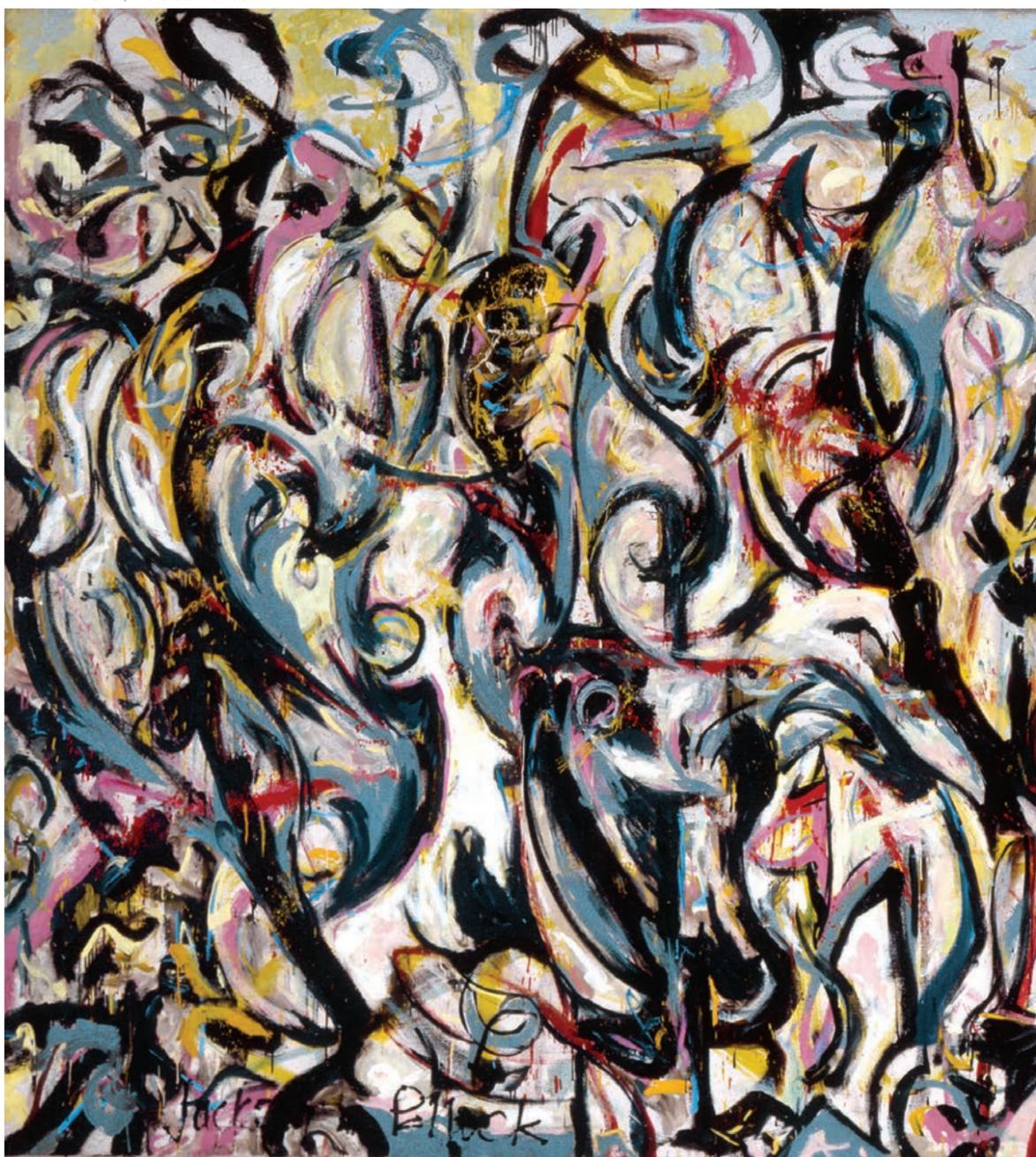
ARTIGO

O abismo entre a aparência e a essência

Entenda por que é preciso sempre voltar a ler o clássico *Quincas Borba*

Anco Márcio Tenório Vieira

DETALHE DE "MURAL", DE JACKSON POLLOCK



Quincas Borba (1891), de Machado de Assis, reeditado agora pela Penguin & Companhia das Letras, com prefácio de John Gledson e notas de Maria Cristina Carletti, é filho de uma tradição literária inaugurada por Miguel de Cervantes: a que inscreve nos gêneros narrativos – em particular, o romance – a forma satírica de Luciano de Samósata (séc. 2 d.C.). No entanto, se Luciano satiriza, por meio da intertextualidade, os chamados gêneros sérios da literatura clássica – a tragédia e a epopeia –, Cervantes se vale, como objeto da sua sátira, de um gênero menos nobre: as novelas de cavalaria. Não só: o escritor espanhol transige o autor grego ao semear, ao longo do seu romance, o que Octávio Paz chamava “a dúvida no ânimo”, ou seja, tomar a ironia como forma, como um modo de organizar a obra (diverso da ironia enquanto dito, axioma ou enunciado). Neste caso, a forma irônica leva tanto o leitor quanto o personagem a não saber o que é, de fato, o real: se o que veem os seus/nossos olhos ou o que a sua/nossa imaginação projeta. As novelas lidas por Dom Quijote substituem, na sua imaginação, a realidade: ovelhas se transformam em cavaleiros; choupanas, em castelos; a feia Dulcineia, na mais bela das donzelas; moinhos, em gigantes; e ele próprio, Quijote (outrora o pacato Alonso Quijano), em um rijo e destemido cavaleiro, à maneira de Amadis.

Ao longo dos anos de 1870, Machado de Assis escreveu uma série de ensaios em que acusava os limites do que denominava como “doutrina” do Realismo. Em artigo de 1878 – *O primo Basílio* –, sobre obra homônima de Eça de Queirós, ele observava desdenhosamente que a “nova poética [...] só chegará à perfeição no dia em que nos disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha”. No ano seguinte, no ensaio *A nova geração*, ele afirmava, sem meias palavras, que “a realidade é boa, o Realismo é que não presta para nada”. Então, como sair desse impasse: falar da realidade sem subordiná-la ao método Realista, então em voga na literatura ocidental ou ocidentalizada? Para ele, a solução estava em retomar criticamente à tradição inaugurada por Cervantes em 1605, assim como nos

séculos 18 e início do 19 fizeram, cada um ao seu modo, Laurence Sterne, Almeida Garrett, Xavier de Maistre e Denis Diderot (no século 20, o caso mais emblemático é o de James Joyce). O resultado dessas reflexões é *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881). Obra, em vários aspectos, tão inovadora e antirrealista, mesmo considerando a literatura europeia à época, que um crítico literário – nada mais nada menos do que Capistrano de Abreu –, em artigo publicado na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 30 de janeiro de 1881, indagava se “As *Memórias póstumas de Brás Cubas* serão um romance?” Afinal, encontramos neste livro o mais improvável dos narradores realistas – um “defunto autor” – e uma narrativa pouco objetiva: capítulo em que sinais de pontuação substituem as palavras; outro, composto somente por reticências; ou mesmo o que encerra uma única frase: a que reconhece a inutilidade do próprio capítulo. Em suma: a narrativa neutra e incolor defendida pelo Realismo, como se Natureza e Cultura fossem sinônimas, é violentada constantemente por Brás Cubas por meio de interpolações, digressões, esquecimentos, palavras subtraídas, silêncios e elipses.

Assim, a narrativa em *Memórias póstumas...* chama a atenção do leitor para o seu próprio caráter arbitrário: seja porque a realidade é apreendida subjetivamente a partir de certos valores morais e de classe (os de Brás Cubas), seja pela insuficiência da linguagem em plasmar resquícios de sensações e lembranças vividas pelo narrador, o que leva a cesura entre a palavra e aquilo a que ela se refere (a coisa), entre a realidade empírica e o modo como ela é apreendida. Insuficiência esta que também encontramos em *Quincas Borba*. Nesta obra, o *Humanitas* (humanidade), espécie de emplastro filosófico defendido por quem, indiretamente, dá título ao romance (na verdade, quem batiza a obra é o cão, que carrega a mesma alcunha do seu dono), urde a sua forma.

Tese de princípio não dialético e não antitético, o *Humanitas* seria “um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível”. No caso, o “movimento de conservação” do universo, que é,



nas palavras do filósofo, o próprio Homem. Dentro deste princípio, “nada se perde, tudo é ganho”, pois “há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica”. Assim, na dicotomia vida/morte, paz/guerra não há a nulificação do Ser, nem a destruição da ordem, “porque a supressão de uma é condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum”. Logo, não há morte, apenas há vida, “daí o caráter conservador e benéfico da guerra”, e da morte; todos os eventos são faces de uma mesma moeda, de um mesmo “movimento de conservação”: o do Homem. Em resumo: “*Humanitas* precisa comer”, pois todo “fenômeno” do universo está submetido ao instinto básico e à força motora do “movimento de conservação” da vida.

Ao defender que o único princípio do *Humanitas* é o do “movimento de conservação”, o da Natureza em seu estado selvagem, desprovido de qualquer moral ou ética, *Quincas Borba* nunca consegue fazer-se compreender. Entre os que não alcançam as suas ideias, está Rubião, o herdeiro universal de todos os seus bens materiais. E aqui entra a sutilidade da tese. Sendo ele, o filósofo, um louco, percebemos que a sua tese só poderia ser apreensível por outro louco, assim como o mundo visto e acatado por Dom Quijote só poderia ser penetrado por outro Dom Quijote. Só um louco compreenderia uma verdade que a linguagem apenas margeia, já que a linguagem que calça os métodos de apreensão da Natureza – entre eles, os do Realismo – não é a mesma que os loucos usam para apreender o mundo. Assim, entre, de um lado, a tese do “movimento de conservação” (a coisa em si) e, de outro, a linguagem (representação da coisa em si), firma-se um ruído. A linguagem corrente seria a única possibilidade, aqui, do Homem ordenar, entender e explicar o “princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível” que rege o universo. Na impossibilidade de plasmar esse “princípio único”, a linguagem tenta suprir as suas limitações apelando para as armas que possui: a declinação do “número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de

Se há um realismo em Machado de Assis, é o de quem sempre buscou a representação daquilo que é a realidade

cozinha.” Daí porque a realidade (a coisa em si) ser boa, e o Realismo (o método, a representação da coisa em si) não prestar para nada.

Tendo ao seu dispor apenas a linguagem corrente dos Homens, o real para Rubião não é o que os seus olhos veem, mas o que a sua imaginação projeta, ou como diz o narrador: há nele um abismo “entre o espírito e o coração”. Interiorano de vida simples em Barbacena, transportado para a Corte e vivendo agora como um novo-rico, Rubião acredita tanto na sincera amizade daqueles que agora o cercam (no casal Palha e Sofia, nos frequentadores diários dos almoços e jantares da sua casa, nos princípios políticos de Camacho...), quanto na perenidade dos seus recursos financeiros. Mas este abismo nós também vamos encontrar nos demais personagens. Há, entre eles, um véu que os encobre impedindo que se desvele a essência e a aparência de cada um deles. Dois exemplos: a Sofia que revela ao marido as investidas amorosas de Rubião, é também a mesma que lhe esconde o desejo que nutriu em ter uma aventura amorosa com Carlos Maria; o Palha que demonstra

preocupação com os gastos de Rubião, esconde dos amigos a origem da sua fortuna: o dinheiro que Rubião lhe emprestara e que ele nunca saldara. Mesmo nos momentos mais realistas da obra, onde a narrativa busca ser a mais objetiva possível, nem sempre os fatos levam-nos a interpretá-los corretamente, pois o próprio narrador nos induz ao erro. É exemplo aqui o paralogsimo que Rubião faz a partir da carta que Sofia endereça a Carlos Maria.

É dentro desse abismo entre a aparência e a essência que a tese do *Humanitas* vai urdindo formalmente *Quincas Borba* (a morte de um é a sobrevivência do outro; a queda deste é a vitória daquele). Não só: ela é também o elo que liga *Quincas Borba* a *Dom Quijote* (“a obra que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores”, como diz o filósofo) ao tomarem, ambas, por meio diverso, a ironia, esse modo como a linguagem se refere à própria linguagem, como forma. O mundo gira e, ao fim e ao cabo, tudo termina por confirmar o “princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível” do universo. Sendo um personagem quixotesco, Rubião só compreende o princípio do *Humanitas* quando a razão lhe é subtraída. Só a loucura lhe dá o entendimento do “movimento de conservação” da vida, de poder construir a analogia entre a palavra e as coisas, entre a aparência e a essência dos fenômenos; diverso de Dom Quijote, que só compreende o sentido real das coisas e do mundo quando, no leito de morte, a razão lhe é restituída. Mas se Quijote, em sua loucura, vivencia o “abismo entre o real e o imaginário”, Rubião (e os demais personagens) só o vivencia na lucidez. Dessa maneira, todos os princípios estéticos (Realismo e Naturalismo) ou científicos (Positivismo, Determinismo, Evolucionismo Social) que buscavam estabelecer a analogia ou a naturalização entre a palavra e as coisas terminavam, impreterivelmente, por nulificar um desses elementos. Ao mostrar que as coisas (a realidade empírica) estão submersas à imaginação, e não às palavras, Machado nos revela o quão alienados estamos da realidade que nos cerca, o quanto as aparências das coisas esgarça o nosso olhar e, por decorrência, também a linguagem que deveria apreendê-la e traduzi-la.

Por fim, retomando o início deste artigo e a reedição de *Quincas Borba*, faremos dois breves comentários. Primeiro, é louvável a iniciativa da Penguin em restituir na íntegra os prólogos que Machado escreveu para a segunda e a terceira edições; em trazer notas de rodapé que situem o leitor em várias passagens do romance; em inserir uma cronologia da vida e da obra do autor que em nada desmerece as melhores que já foram publicadas. Segundo, louve-se o prefácio de John Gledson, um dos grandes machadianos vivos. No entanto, ao reiterar o caráter realista da obra (tese que me parece cada vez mais insustentável), ele termina por subtrair do leitor o que há de mais peculiar em *Quincas Borba*: a desconfiança com a linguagem, a crítica aos que tentam naturalizar Natureza e Cultura, e, por decorrência, reduzir o humano a fórmulas. Se há um realismo na obra de Machado, é o de quem sempre buscou a representação da realidade. Ou seja: o de quem toma a realidade não para contá-la tal como as coisas sucederam, e, sim, como poderiam suceder; o de quem acredita que só a linguagem fingida – a da ficção –, descompromissada com os próprios limites da linguagem, pode construir uma verdade textual que encerre e alargue a verdade da realidade empírica, pois ao reinventar esta realidade, ela pode recriar, a cada obra, um outro humano: aquele que só os loucos, em seus momentos de delírio, podem ver. Não por acaso, a verdade textual se assemelha aos sonhos e aos surtos de loucuras: elas se fatalizam à duração do tempo da leitura, do sono e dos momentos de delírio. A palavra, em Machado, diverso do uso da palavra nas Escolas Realista e Naturalista, assume o seu caráter arbitrário, e é só desse modo que ela pode revelar a magia do mundo: a do mundo da literatura.

O LIVRO



Quincas Borba
 Editora Penguin &
 Companhia das Letras
 Páginas 360
 Preço R\$ 24,50

FICÇÃO

A personagem conta a sua versão “oficial”

Escritor faz um *trailer* especial do seu novo livro, *O sonâmbulo amador*

José Luiz Passos



KARINA FREITAS



1. No primeiro instante da entrevista sobre a adaptação de meu romance ao cinema (o romance e o cinema serão sempre antípodas) eu disse à repórter: “O romance e o cinema são gêneros irmãos”, e ela anotou isto numa caderneta lilás. Depois, acenou para trás da câmera, à nossa frente, e se explicou: “É melhor gravarmos logo”.

2. Uma criança corre atrás de um coelho pardo. Seus pés batem na terra com a força de uma competição; tiram dali o som de um tambor cuja pele fosse de veludo. Tufe, tufe, tufe... A criança segue até um cais, onde então para e olha ao longe. É um menino. Agora o vemos de perto. Ele levanta um braço e observa o coelho pendurado pelas orelhas. Olha-o com orgulho, como se ali estivesse um irmão menor, fugido. Não fica claro como o apanhou com as próprias mãos. Talvez este seja, na verdade, um segundo coelho. Ou esta, a perseguição de outro dia.

Está obviamente chovendo. Do alto de Olinda vemos dois largos rios, de águas castanhas, abraçados ao Recife. Vemos esses rios de longe. Suas margens são recortadas por uma vegetação densa, e eles serpenteiam. A chuva cai como um véu que apaga o horizonte por cima dos prédios. Parece triste. Thoreau, os Alpes, Euclides da Cunha.

Agora, letras formam nomes imensos por cima dos rostos de homens e mulheres à beira do cais. Há muito movimento ali. Alguns levam baldes; outros, até cargas de roupa na cabeça. Por perto também circulam crianças, mas não é possível distinguir se o garoto do coelho está entre elas. Provavelmente, não. Afinal escuta-se, sob a trilha sonora, o ruído ambiente. Soa um riso, ou um grito, e as coisas começam a se distanciar. Digo, a imagem. O que vemos não é a realidade, é uma mera imagem, e neste momento ela está cada vez mais distante. Voltamos ao topo de uma colina e, de lá, novamente vê-se um pedaço de

rio como o traço de uma cobra; como se o horizonte, dobrado por um espelho, se arriscasse num jogo. Esse leito corta o plano da tela, vai de canto a canto. No meio dele, como a atividade de uma mosca, há algo que parece vivo. Talvez uma falha na película? Claro que não. Trata-se de um barco; uma jangada que se move com gente dentro. Se ela se move, deve vir com gente dentro. Mas é impossível ter certeza. A legenda mostra apenas, por cima de tudo, do rio, o imenso nome do diretor deste filme, Christopher M. Talitas.

3. A câmera de Talitas apanha Jurandir e o Ramires, meus protagonistas, em tomadas curtas; ao fundo, apenas lances do porto e dos prédios. O *close-up* adora seus rostos engelhados, os dois vão sentados à beira de um canal, comendo sanduíches embrulhados numa toalha de pano.

Num dos *flashbacks* que sobreviveu ao corte, vemos a água chegando às prainhas por baixo das pontes, indo molhar troncos de árvores e arbustos. De vez em quando, um pássaro levanta voo e o poderoso foco do *zoom* o acompanha. Por que Talitas iria querer revelar o entorno natural de uma ação que é urbana? Seus intérpretes de Jurandir e do Ramires, acomodados numa lotação rumo ao centro do Recife, discutem a solidariedade e o assassinato. Compartilham músicas. Não creio exagerar quando digo que essas cenas, a perspectiva delas, somos *nós*. Estamos olhando em volta do desastre, nunca diretamente para dentro dele. Seria insuportável. Nem sequer a arte consegue fazer do horror uma presença ao alcance das mãos.

Na vinheta promocional, além do menino agarrado ao coelho, e das cenas aéreas de uma Kombi correndo paralela ao rio Capibaribe, Talitas faz com que Jurandir baixe a cabeça e beije o seio de uma colega de trabalho, Minie. A atriz que faz o papel é jovem; tem os cabelos curtos e olha com doçura seu companheiro de cena sugando-lhe o mamilo alvo, bem mais alvo do que



imaginei serem os da minha pequena Minie. Aqui, os cortes são abruptos. A iluminação parece insegura. Durante sua internação, ensaiando o papel de um líder messiânico numa peça de arte-terapia, Jurandir confirma a presença do autoritarismo, e discute a pregação dos políticos milagreiros das regiões “mais quentes”. Mas lembremos que o diretor, *auteur*, é norte-americano. É provável que, na adaptação de meu romance, querendo evocar a vergonha da guerra entre os EUA e o México, o Vietnã ou o Oriente Médio, Talitas tenha posto na cabeça a forma infausta de um Glauber Rocha.

4. Costumo evitar conferências acadêmicas. Mas Los Angeles atrai gente que trabalha com cinema, e aconteceu que, há alguns anos, Chris M. Talitas veio fazer uma visita à minha universidade. Era o homenageado. Deram-lhe um belo microfone, para as respostas. “*A sétima arte e o mundo de hoje*”, um tema difícil. E eis a primeira contradição: a rigor, seus filmes não são sobre o mundo de hoje. Acontece que Talitas faz boa figura; é alto, olhos azuis, apertados; o cabelo grisalho ainda parece louro; a boca é fina. Trajava um blusão jeans e calça marrom, com uma mochila contendo aparatos de observar passarinhos; afinal, vinha para a Califórnia. A mochila foi ao palco, então o moderador comentou esse *hobby*. Naquela altura, ele ainda não havia adaptado meu romance. Perguntado sobre o cinema, Talitas demorava a responder; enrugava o rosto, alongava a pausa na frase interrompida. Tomava um tempo imenso antes de cada opinião. Ia rir? Chorar? Sair do palco? Se saísse, teria havido uma revolução no campus.

Jurandir agora retoma suas recordações. Na tela de um cinema grande, dos antigos, seu rosto teria o tamanho de um prédio de dois andares. Ora, os motivos de uma guerra são muitos; os do amor, mais ainda. Nosso herói, interpretado em toda sua intensidade pelo grande ator irlandês Phil Daddario (*A Round of*

A câmera de Talitas apanha Jurandir e Ramires, os meus protagonistas em tomadas curtas, flagrando-os em close-up

Visits, Nostromo, Fifth Avenue, entre outros), exige uma resposta do advogado que bloqueou um recurso de amparo ao trabalhador desfigurado. Estão bem perto um do outro. Seus rostos quase se tocam. Uma mão de Jurandir chega até o birô, e o bacharel recua com asco. Ainda não era uma mão de sangue. O herói, então, tira da mochila um revólver. E a mesma mão que puxa essa arma puxou, anos antes, de dentro do pijama de seu amigo um pênis reluzente, com sua glândula rosada e curiosa do mundo.

5. Os detratores de Chris M. Talitas não aceitam que seu cinema pertença à arte do abstracionismo. As resenhas negativas são pautadas pela incompreensão: “Shakespeare beócio”, “Monótona ladainha”, “Oco barroco”, “Guerra grandiloquente”, “O reino do palavroso” e “Elite na tela”, cujo título sequer faz sentido, equivocam-se ao equacionarem a consecução em arte

a uma total economia de meios verbais. A ser justa tal tese, os artistas acabariam, simplesmente, jornalistas. A arte do menos, o credo do *less is more* e a retórica do *understatement* anglo-saxão não resistem a um exame detido. E Whitman? E Faulkner? E Woodstock?

(Comentei isso em sala. Uma aluna, impressionada, aproximou-se; então fizemos amizade. Fomos juntos a um filme de Talitas e, depois, a outros. Daí, demos as mãos. Ela foi generosa por vontade própria. Não há nada tão doce quanto o rapto estético. Ver um filme com o coração na boca nos dá nova perspectiva. Até vemos mais. O rigor da crítica é uma paixão; o fim dela está no puro desencantamento do mundo. Rompemos, finalmente, eu e a tal, chorando abraçados na entrada de um cinema de arte. Que filme era esse, eu não lembro mais.)

Na entrevista, a repórter insistia: “Lantânio, no seu romance, é Lampião?”, “Jurandir é mesmo um homossexual?”, “O rapaz do rosto queimado é como um filho para ele?”, “Você é avesso à psicanálise?”, “E os seus personagens?”

Ao contrário da dramaturgia de hoje, Talitas se define como um revolucionário romântico; “*the most exaggerated man I have ever met*”, escreveu certa vez um dos seus biógrafos. E, a propósito, minha amiga Barbara Heliodora já apontou: “Com efeito, Talitas usa o princípio psicológico de que, se um perfume ou uma melodia podem lembrar um drama, a precisa imitação de um drama também pode lembrar o perfume ou a melodia”. Ofereço como evidência disso, avivada no escuro de um auditório com ar-condicionado, a fragrância de quem nos acompanha a um filme; a mão de uma aluna apertando a minha no momento em que, na tela, Jurandir (aliás, Phil Daddario) dispara o primeiro tiro na mandíbula do advogado. Neste momento, já ouvi expectadores aplaudirem a cena.

6. A obra de Talitas é mais importante do que a minha, não há dúvida. Mas resta a história que eu imaginei. No livro, Jurandir faz uma viagem em missão que ele se impõe: amparar na lei um funcionário após um acidente de trabalho. Mas meu pequeno salvador acaba confundindo seus demônios: mistura a amante com a morte do filho, e a sua ligação ao dono da empresa com a fidelidade a seus iguais. Há em Jurandir certa nesga de consciência de classe – para usar um jargão de antes... Porém, mesmo tal inclinação é vivida mais no plano dos sonhos. Anotando-se em cadernetas que deveriam refletir sua rotina diária e sonhada, ele destila a limitação de seus modelos, a fragilidade dos afetos, o invisível na culpa que se escamoteia em esforço de resgate do outro. Escrevi *O sonâmbulo amador* entre 2006 e 2012, tentando tornar evidente, para mim, laços de amizade nos seus desdobramentos erótico, doméstico e político. Aqui estão a amiga tornada amante, o companheirismo de que se nutre a família e, também, as apostas que fazemos em sonhos pertencentes a outros, e que ainda são, em grande medida, coletivos.

Mas agora, cinco anos passados, com a saída da versão de Talitas, nada mais interessava à repórter: “E o filme, você acha que ele é fiel?”

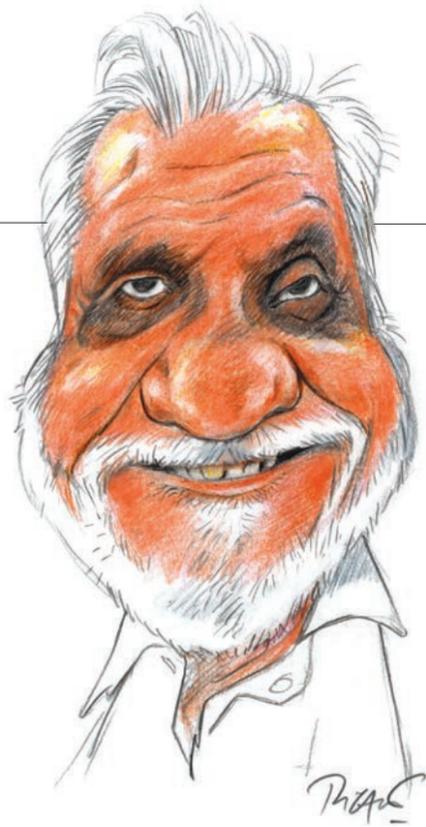
“Fiel a quê?”, eu disse. “Minha filha, será que uma projeção de luz e sombras, numa parede, pode ser fiel a alguma coisa? Isso não tem o menor sentido”.

Lá de trás um jovem diretor, a quem eu não tinha sido apresentado, parou a gravação. A entrevista, afinal, nunca foi exibida. Semanas depois, recebi o cachê com uma nota dizendo que o material está “reservado à transmissão em grade futura”. Grade futura? A quarta maior emissora do mundo, e produtora que lidera o mercado de cinema no país, não vai colocar no ar uma voz descrente na adaptação da literatura à tela. Com o cachê, comprei a terceira edição das *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, de Matias Aires, publicada em 1778 pela tipografia Rollandiana. Nela consta a famosa *Carta sobre a fortuna*, que então acabava de ser revelada, postumamente, por um filho fiel ao desejo de seu pai, o autor.

○ LIVRO



O sonâmbulo amador
 Editora Alfaguara
 Páginas 272
 Preço R\$ 39,90



Raimundo CARRERO

Xico Sá inventa pueblo e cria a vida para leitor

Jornalista cearense estreia
na ficção com um exemplar
romance picaresco

O **Lazarillo de Tormes**, famoso romance pícaro anônimo espanhol, que marca a literatura mundial em vários níveis, agora tem companhia brasileira. Não circula mais solitário pelas livrarias e bibliotecas, ou até pelos olhos do leitor. Seu companheiro chama-se **Big Jato**, romance de estreia do cearense Xico Sá. Filho do Crato, nos Cariris, Xico pertence a uma geração de escritores que escolheu o Recife para exílio e que inclui, entre outros, Ronaldo Correia de Brito, Everardo Norões, Samarone Lima, Heitor Brito, Telma Brillhante e Sidney Rocha.

O espanhol Lazarillo é um menino guia de cego e o personagem de Xico trabalha com o tio na limpeza de fossas naquela cidade cearense, vivendo as estrepolias do trabalho com outros personagens, através dos pequenos capítulos produzidos pelo narrador, que não é outro senão o próprio menino limpador de fossas, sem a forção dos *flashbacks* tradicionais.

No prólogo, o narrador adverte logo: “Aprecio de-
ras aquela falsa pista do camarada B. Traven, o fantas-
ma americano perdido na selva mexicana, que dizia
mais ou menos assim: ‘De certa forma, uma história
não significa nada, a menos que você mesmo a tenha
vivido. Dizia isso na sua ficção *Viagem noturna*’”.

E continua: “A história que vem a seguir também
é verdadeira. Estiquei ao máximo a corda de ve-
rossimilhança. Quase no pescoço. Se falhei, coisas
da vida, caro Kurt Vonnegut. Se inventei um *pueblo*,
sorte. É a única herança”.

Talvez o narrador tenha dúvidas, é possível –
até porque o prólogo não está assinado. Corre o
risco de passar por anônimo, como ocorreu com
o antecessor espanhol. Mas se inventou um *pueblo*,
não é a única herança. É a grande herança. Não é
sempre que um escritor inventa um *pueblo*, e chama
os leitores para a vida.

O livro é narrado em forma didática, como convém
a todo romance pícaro, desde um prólogo, seguido
de “o velho”, depois “o menino”, numa montagem
que, por extensão, lembra a estrutura de *Vidas se-
cas*, de Graciliano Ramos. Advertindo-se que Xico,
no entanto, tem identidade própria, com recursos
individuais, apresentando-se ao leitor como um
escritor virtuoso, de caminhos já definidos, ótimo
criador de personagens, com estilo limpo, claro e
objetivo, elegante e forte. Sem dúvida, uma estreia
surpreendente. Surpreendente porque nem sempre
um livro de estreia apresenta tantas qualidades como
aquelas encontradas em *Big Jato*.

Além disso, Xico tem a coragem de abrir a narrativa
com um perfil físico, que dá alguma lentidão à narra-
tiva, quando muitos narradores preferem uma cena, cuja
velocidade é inquestionável. É assim o perfil físico que
dá largada ao romance: “Pensando bem, o velho nem
era tão velho assim, apesar de corroído pela ferrugem
que torna um filho de Deus aparentemente mais enfe-
zado do que o outro. À primeira vista, os buracos dos
olhos do velho eram tão profundos quanto a ilusória
superfície dos copos dos engana-bêbados nos quais

JANIO SANTOS SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



emborcava a sua aguardente. Óculos verdes fundo de
garrafa, iguaizinhos ao para-brisa do Big Jato, envidra-
çavam ainda mais o horizonte. Treze graus de miopia
e astigmatismo no lado direito, doze no canhoto”.

Observem que o começo da narrativa permanece
no campo da descrição, enquanto o leitor espera que
o velho caminhão dos personagens dê partida. Mas
sem aborrecimento, ansiedade ou cansaço. O texto
se impõe pela força do narrador. E é justamente este
perfil que vai seduzi-lo para a exata compreensão do
velho, com tudo o que ele tem de risível e de simpático,
apesar dos resmungos. E do lema radical: “Quem não
reage, rasteja”, que o conduzirá pelo resto da vida em
meio a estrepolias, bravatas e confusões.

“O menino”, porém, chega em meio a uma ação,
que lhe dá movimento e vigor: “Dirigido por mim,
guiado por Deus. Quando eu subo na boleia, não sou
um, nem o outro, como está escrito no para-choque.
Sou ainda o nadinha de nada.”

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

PULP FICTION

Site de curiosidades literárias divulga a saga de *Giselle*, a espiã nua que abalou Paris e sua filha Brigitte

O site *Bibliomania* traz informações sobre livros raros. É o caso da coleção de livros sobre *Giselle Montfort, a espiã nua que abalou Paris*, inventada em 1948 pelo jornalista David Nasser, ele mesmo uma espécie de estrela da revista *O Cruzeiro*, a maior do país na época. Os livros se tornaram verdadeiros *best-sellers*. Como Nasser matou a sedutora espiã no final da saga, Lou Carrigan

(pseudônimo do espanhol Antonio Vera Ramirez) fez nascer sua “filha” Brigitte Montfort (ao lado, no traço de José Luiz Benício da Fonseca, que assinava só Benício), na mesma linha, misturando violência e sexo. As aventuras de Brigitte fizeram sucesso pela Editora Monterrey, que nos anos 1960 e 1970 dominou o mercado brasileiro de livros populares em formato de bolso.

REPRODUÇÃO





E estes são os dois personagens que estarão com o leitor nas próximas 180 páginas, marcadas pelo risível, pela gargalhada e pelo drama. Até porque Xico não perde a linhagem da prosa hispânica, marcada pela dramaticidade dos seus personagens e pelos movimentos. Assim, pode-se perceber sempre uma sombra em meio à risada, à ironia fina e à leveza das ações. Dramático e sombrio, em meio ao pícaro e ao risível, é, por exemplo, este texto muito bem escrito: “Aqui nem o cemitério zela pelos assombros dos mortos. Mal os infelizes descem os sete palmos de terra a que têm direito e já partem para outros mundos. Os vermes reclamam de tal rapidez. Os tatupebas, conhecidos comedores de defuntos, idem, nem fuçam com esmero e só avistam a subida do vulto azul e o latido do cachorro na beira da cova.”

No entanto, o autor mantém a força dos perfis, sempre que precisa trazer um personagem rigoroso, austero e firme, optando na maioria das vezes pelo

perfil psicológico, que se aproxima da ação e que, muitas vezes até substitui o movimento interno, muito mais rico porque anunciado por marcações também risíveis.

“Quem vai aguentar este calor da moléstia, que faz com que a gente nunca saiba quando está acordado ou quando está sonhando mesmo? Melhor o limbo. Quem vai aguentar as poucas e repetidas conversas com finais incertos? Nunca ouvimos alguém aqui com conversa de começo, meio e fim, uma fala inteira. É só fiapo de fala. Nada tece.”

Acompanhando palavra por palavra as histórias desses dois grandes e belos personagens chegamos a uma conclusão definitiva: já no seu romance de estreia, Xico Sá deixa claro que nasceu para a ficção, e se realiza como tal. Basta lê-lo sempre e atentamente. A capacidade para a ironia e para o riso todos nós já conhecemos, tanto nas colunas de jornal como nos livros publicados.

ENSAIO

Livro de ensaísta busca pontos de contato entre personagens

O que têm em comum quatro personagens femininas dos escritores portugueses José Saramago, Eça de Queiroz e Helder Macedo? É o que a ensaísta também portuguesa Monica Figueiredo tenta responder no insólito *No corpo, na casa e na cidade: as moradas da ficção*, lançamento da editora Livro Geral. No cerne da questão, como a mulher pode encontrar a linguagem para sua aventura pessoal de amante e tornar real sua realidade impossível. Um livro instigante.

EMPREENHIMENTO

Jovens criam a Editora Multifoco que publica de graça autores desconhecidos em tiragens pequenas

O jovem Leonardo Simmer se uniu a Marcelo Pinho, Thiago França, Vitor Martins, João Amorim e Bruno Miranda para criar uma editora voltada a escritores desconhecidos que topassem publicar suas obras em tiragens pequenas (cerca de 50 exemplares). Era 2007 e aí surgia a Editora Multifoco. Gastaram R\$ 500 para fazer a primeira edição. Os cem livros produzidos foram

vendidos e a quantia investida quadruplicada. O lucro viria do giro, perceberam: o segredo era não ter material encalhado. O diferencial em relação às outras editoras é oferecer o serviço de graça aos autores, que levam uma comissão entre 5% e 15% por livro vendido. Informações na sede da empresa (Av. Mem de Sá, 126, Lapa, Rio de Janeiro, RJ, fone 21-2507.1901). Ou no site editoramultifoco.com.br.

A Cepe - Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
- 1.** Contribuição relevante à cultura.
 - 2.** Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a)** A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b)** A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 - 3.** O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife - Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

Secretaria
da Casa Civil


PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

CAPA

Um criador de anônimos

João Gilberto Noll ergueu uma obra que assinala a primazia do anonimato

Izabel Fontes

Durante o século 20, são apontadas duas crises da narração. Em textos que questionam dois momentos distintos da literatura, são colocados em xeque não só o problema da linguagem e do conteúdo produzido, mas o próprio sentido e a possibilidade de narrar. Inicialmente, as crises são concentradas na figura do homem que narra e é anterior ao surgimento do romance em sua forma moderna, podendo ser, inclusive, consideradas determinantes para o surgimento do romance. Ancorando a sua reflexão em um estudo daquele que seria o último dos narradores pré-modernos, o escritor russo Nikolai Leskov, Walter Benjamin nos leva até o final da Primeira Guerra Mundial quando o horror dos campos de batalha fez com que os homens voltassem mudos para casa. Impossibilitados de compartilhar suas vivências nas trincheiras, incapazes de entender aquilo que presenciaram, os soldados perceberam que, pela primeira vez, os fatos vividos eram grandes demais para o corpo humano, que o ultrapassavam de muitas maneiras. Do mundo antigo, daquilo que era familiar e que se consideravam seguro, tudo foi destruído pelo surgimento de um horror inédito, que não parecia possível de existir. As vivências da guerra desorientaram os homens e os tornaram incapazes de se mover e de se reconhecerem naquilo que viam ao redor. A Primeira Guerra, para Benjamin, significou o final irreversível de um tempo onde as histórias narradas eram um reflexo daquilo que se vivia, onde o sentido era facilmente alcançado por quem escutava e a identificação era plena porque a experiência era compartilhada. Era a época em que reinava um costume milenar de se contar histórias.

O segundo golpe sofrido pela narração pode ser caracterizado como uma crise da própria linguagem, dos mecanismos de narrar e foi apontado por Theodor Adorno, teórico também alemão e pertencente à mesma geração de Benjamin. Os relatos entram em crise, ele observa, quando as formas tradicionais de narração utilizadas dentro do romance perdem a sua força com a ascensão de novas tecnologias e novos meios nos quais as feições humanas e o mundo podem existir e de maneira mais palpável, dando novas possibilidades ao romance. Assim, com o surgimento e popularização do cinema e da fotografia, surge o paradoxo que estaria no centro de qualquer produção literária a partir de então: ao mesmo tempo em que o romance exige a narração, a narração se tornou desnecessária. É, de certa forma, a crise também do realismo e da própria estrutura da forma moderna por excelência, o romance. Como possível solução, Adorno aponta a revolta empreendida contra a linguagem discursiva, exemplificada na obra do autor irlandês James Joyce. Assim, temos uma escrita que quebra a sintaxe comum e questiona a organização da própria linguagem, em uma narração que transborda e ultrapassa os seus próprios limites.

Mesmo que diferentes em suas origens e momentos históricos, as duas crises resultam no surgimento de uma Literatura que tem em comum o objetivo de restaurar a possibilidade de narrabilidade, através da transmissão daquilo que escapa ao primeiro olhar e que é essencialmente singular (a experiência, no caso de Benjamin, que passa a ser materializada com a vivência banal e burguesa do *flâneur*; o simples estar no mundo e o próprio mundo, no caso de Adorno, materializado

BEL ANDRADE LIMA



no fluxo de consciência, na subversão discursiva da modernidade). É um projeto que busca sintetizar o caos do que se vive e pensa, que busca restaurar e recuperar, ainda que através de uma linguagem que se põe em questão constantemente.

A narração em João Gilberto Noll, no entanto, parece seguir em direção oposta. As histórias não buscam unir as peças do quebra-cabeça das vivências e emoções humanas, não procuram redenção através da ordenação do caos ou de sua representação discursiva. Os contos, novelas e romances de Noll partem do pressuposto que não há um mosaico a ser montado e apontam em direção à dissolução, ao abraço e à aceitação passiva do não entendimento. São histórias narradas por personagens anônimos que se deslocam em um universo também desprovido de marcas e definições. O que sobra é uma eterna caminhada sem destino em cenários destruídos, onde também os objetos vão aos poucos perdendo suas características. Os substantivos parecem se esquivar e perder seu sentido à medida que se percebe que a própria vida dos personagens retratados também já perdeu o seu sentido há muito tempo.

Nascido em Porto Alegre, João Gilberto Noll começou o curso de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas abandonou a formação na metade e foi ao Rio de Janeiro trabalhar como jornalista. Noll começa a sua carreira de ficcionista em meio à violência e censura da ditadura





militar, lançando seu primeiro livro de contos, *O cego e a dançarina*, em 1980. Aclamado pela crítica e contemplado com o título de revelação do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte e o Prêmio Jabuti, Noll inicia então uma carreira de intensa produtividade, tendo lançado, em pouco mais de 30 anos, 19 livros, unidos através de um rigoroso projeto estético que constrói a sensação de uma paisagem devastada, de uma destruição também interior que não busca tradução. A atmosfera de destruição está presente em todo o universo do autor: as relações humanas, os encontros casuais com seres marginalizados, o caos social, a violência que aparece tanto no meio externo e quanto no interno. O caos existe e persiste, a escrita, nesse caso, não tem o poder de reorganizar a desordem, reenquadrá-la, e restituir a inteligibilidade.

Se a narração em primeira pessoa usualmente significa uma busca do personagem principal por autoconhecimento, por fazer a sua história finalmente fazer sentido, em Noll essa escolha narrativa é subvertida, através de uma narração em primeira pessoa anônima. Paradoxalmente, o narrador, ao mesmo tempo em que é o construtor do discurso e está no centro da ação, está distante daquilo que conta, alheio à sua própria vida. Causada às vezes por uma recusa em ser nomeado ou por medo de se apresentar em um mundo hostil, em outras por pura impossibilidade de alcançar a própria identidade, essa ausência do nome próprio acaba se

O narrador do escritor gaúcho, apesar de estar no centro da narrativa, parece muitas vezes alheio à sua própria existência

tornando um tema recorrente. Lugar de articulação entre pessoa e discurso, o nome próprio pode ser visto como o ponto fixo num mundo que se move. Se tudo o mais está em crise, à deriva, a certidão de nascimento significa uma certeza e garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis (jurídico, familiar, social). Desde o seu nascimento, no momento em que é batizada, a criança humana já é colocada como referente da história contada por aqueles que a cercam e em

relação à qual ela terá mais tarde que se deslocar e posteriormente reescrever.

No romance de estreia de Noll, *A fúria do corpo*, publicado em 1981, temos um narrador que se recusa explicitamente a fornecer um nome próprio. Acuado pela violência da ditadura militar, o personagem percebe que preservar a sua identidade em segredo é a única possibilidade de proteção, o único refúgio com o qual pode contar em um mundo hostil. Nesse caso, o registro da certidão de nascimento foi apagado conscientemente junto com o passado, perdendo todos os seus significados: “Mas se quiser o meu nome, busque na lembrança o que mais de instável lhe ocorrer. O meu nome de hoje poderá não me reconhecer amanhã”. Se esse apagamento em *A fúria do corpo* aparece como estratégia de sobrevivência, em *Solidão continental*, romance mais recente do autor, a busca pela lembrança do nome próprio e do endereço se apresenta como única possibilidade possível de vida, de redenção, de liberdade e de retorno à vida cotidiana. Acordando desorientado em um hospital público de Porto Alegre, o narrador não faz a mais vaga ideia de como chegou ali, de como aquele estado atual se conecta com sua última lembrança. Tudo o que sabe é que precisa responder às perguntas do médico se quiser recuperar um pouco de si mesmo. Dessa maneira, os dados pessoais, o nome e o endereço, se tornam símbolos de uma origem perdida, se transformam em um caos inalcançável que se afasta cada vez mais

CAPA

e parece pertencer a um passado distante, guardado em uma memória que já não é mais acessível. Ele percebe que, de alguma forma, se tornou incapaz de uma assinatura, mas que é justamente isso que ele precisa se quiser de volta a sua rotina.

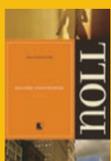
Entretanto, não é somente os personagens que se afastam de suas nomenclaturas, mas o espaço e o próprio tempo narrativo perdem suas denominações, colocando todos os elementos narrativos a arrastar em um deserto inominável. Os lugares que são descritos nos romances são constituídos de ruas que perderam os nomes, prédios prestes a desabar, terrenos baldios, apartamentos cobertos de poeira, hotéis decadentes. Mesmo quando nomeadas, as cidades são lugares desprovidos de seus símbolos espaciais: seus monumentos, suas características arquitetônicas. Por se limitarem a ruelas escuras, praças públicas deterioradas e avenidas impessoais no vai e vem de carros, essas cidades poderiam estar localizadas em qualquer lugar do mundo e em qualquer tempo. Assim, Porto Alegre e Chicago se transformam em uma só coisa, o deslocamento espacial da viagem empreendida entre as duas metrópoles parece não importar. Os cenários por onde os personagens se movem não o ajudam a localizar-se, mas somente o confundem e parecem eles próprios também estarem em movimento.

Se, após a perda do sentido de coletividade que dominava o mundo pré-moderno, a narração se reinventa através da relação com a cidade grande e com o deslumbramento frente às novidades trazidas dos processos de modernização, em Noll a relação com a cidade é completamente esvaziada. Tão explorada por Benjamin como símbolo moderno do homem que busca o resgate da experiência através de suas vivências superficiais frente aos estímulos trazidos pelo progresso, a figura do *flâneur* desaparece na narração do escritor gaúcho. Se a *flanèrie* se constituía por um encontro com o desconhecido na própria cidade e o eterno choque frente à novidade, o percorrer do espaço empreendido pelos personagens de Noll não tem nenhuma função libertadora, não ensina, não causa espanto ou surpresa. Esses homens sem nome e sem rosto estão sempre à deriva, sendo levados por uma correnteza de acontecimentos da qual se sentem alheios ou simplesmente incapazes de compreender. E, por não alcançarem nenhuma compreensão, se sentem obrigados a simplesmente seguir em frente. O resultado disso, na narrativa, são os sucessivos cortes e desvios temporais. A narração é constituída por pequenas peças que não se encaixam, que nunca se relacionam entre si.

O passado, quando aparece, não força um encontro do personagem consigo mesmo porque ele é incapaz de encontrar elementos com os quais se identifica. A sensação que temos é que eles foram simplesmente lançados em um cenário pós-catástrofe pessoal onde a memória que explica a situação em que se encontram no presente não pode mais ser alcançada. O tempo não aparece confuso ou embaralhado, é simplesmente apagado ou suspenso, perdendo completamente a sua importância e passando a ser marcado por elementos sempre externos àquele que vive. É uma música no rádio, a repetição de um elemento, as marcas que aparecem no corpo (ou às vezes o corpo que se desintegra, como em *Hotel Atlântico*, onde o personagem-narrador vai perdendo, literalmente, partes e funções corporais: primeiro há a amputação de uma perna, depois alguns dedos são perdidos na estrada, em seguida perde de súbito a visão).

O que João Gilberto Noll parece afirmar, com a criação de seu universo deteriorado e sua repetição quase obsessiva de personagens, é que, por mais que os contextos dramáticos possam variar, por mais que as histórias sigam e corram seus caminhos, o homem está sempre ali. Esse homem sem nome, desesperado, dissociado do seu passado e incapaz mesmo da experiência superficial da vida na cidade moderna, está sempre ali e, por não ter nome ou rosto, parece habitar dentro de cada um de nós.

O LIVRO



Solidão continental
 Editora Record
 Páginas 125
 Preço R\$ 27,90

BEL ANDRADE LIMA



“Sim, sou um autor de linguagem”

Em entrevista, Noll conversa sobre relacionamentos e a força da palavra

Tânia T. S. Nunes

Depois de 19 obras publicadas, o gaúcho João Gilberto Noll desembarca na Fliporto, trazendo na bagagem novo romance: *Solidão continental*. Autor premiado e reconhecido por sua potente linguagem, nessa obra apresenta a experiência ousada de mais um narrador que caminha para preencher o vazio do seu entorno e seu estado de solidão com novas figurações. Rastros de vida em cada página. Isso é o que encontra os leitores até o final desse romance.

Nessa narrativa, a solidão é uma doença avassaladora que atinge o coletivo em tempos de frustrações cotidianas. E, assim o é. O protagonista de *Solidão continental* é um indivíduo anônimo, maduro, professor de língua portuguesa, andarilho, que carrega um “desmazelo mental”.

Noll concedeu por e-mail a seguinte entrevista para os leitores do **Pernambuco**, em que detalha o universo da sua nova obra e sua forte relação com a palavra escrita.

Sua literatura pulsa para a vida. O narrador de *Solidão continental* em uma madrugada de insônia verifica que “o mundo continua doendo”. A falta de afeto e o desinteresse pelo semelhante como são vistos por você nesses tempos de solidão? Para onde caminha esse mundo que dói?

Com 35 anos redigi um romance chamado *A fúria do corpo*. Seu protagonista é um mendigo, que vive a perambular pelas calçadas de Copacabana, perdidamente apaixonado por uma mulher (também mendiga). Num trecho do livro ele toma ares de São João Evangelista e brada aos passantes seu furor apocalíptico. Ambos se prostituem em troca de qualquer merreca. Se amam. E são imperadores naquele cotidiano que construíram para os dois. Tão perfeito dentro de todo aquele horror, que o homem inomeado tem tempo de pregar para alguma salvação. O protagonista de *Solidão continental* é diferente. É um homem que vive no limiar da velhice. Por vezes abandona-se no sono. Quando desperta, vê que continua ilhado e os jornais lhe mostram a mesma insanidade. Ele é apenas dominado pelo mundo



que dói e a páginas tantas começa a procurar um amor. O mundo lhe permitirá esse prodígio?

Solidão continental tem um protagonista obcecado pela errância, pelo sexo, pelo pensamento, pelo corpo enquanto território de fabricação de mundo, pela língua portuguesa como momento de troca. No entanto, aqui, ele não faz referência à palavra. Seria essa não citação também uma forma de presentificação do vazio na narrativa ou seus protagonistas apesar de escritores não idolatram mesmo a palavra, apenas, a concebem como instrumento?

Há não muito, descobri que o meu protagonista é o mesmo de livro para livro. Ele foi fabulado pela linguagem. Sim, ele vem da minha natureza, certo, mas não do meu eu biográfico. O que me entregou de fato esse indivíduo foi a linguagem, que por sua vez o extraiu do meu inconsciente. É esse o meu processo de trabalho. A cada vez que sento diante da tela para surpreender a dinâmica desse homem me sinto em estado de vazio para que ele possa se estabelecer. Sim, sou um autor de linguagem. Assim, seria impossível que o meu narrador visse na palavra apenas um instrumento de transmissão de fatos. Sim, sempre tive em minha ficção momentos de celebração da palavra. Dessa vez, quem sabe, menos. É certo, aqui fui mais direto: o protagonista é professor de

português para estrangeiros, uma forma inaugural (principalmente aos alunos) de sondar a musicalidade de uma língua.

A solidão hoje é uma doença que se apresenta em decorrência do mundo desequilibrado em “cotidianas frustrações”. Assim se lê em *Solidão continental*. O narrador nesse romance relata que tem pudor e sente-se humilhado de relatar esse sentimento a conhecidos e desconhecidos. Você crê que esse homem vê a solidão como uma degradação moral, uma incapacidade de engendrar novos relacionamentos?

Solidão continental é um dos meus livros que mais especulam sobre a vergonha. Às vezes de uma maneira curiosa: quando ele está a seguir o garoto por um caminho de terra esburacada, ele avalia que é melhor aquele seu sentimento de humilhação do que a sua atmosfera rotineira. Ele tem vergonha de seu vazio e logo que se encanta por Frederico começa a imaginar muitas viagens e um mundo social mais povoado, para não matar um jovem de tédio e não fazê-lo escolher a desertão. Ele conseguirá esse prodígio?

O narrador de *Solidão continental* considera o “jugo do cotidiano” fator preponderante para a alienação do homem em seu isolamento. Como você vê, em tempos de avanços

tecnológicos e o mundo em conectividade, a aridez das relações entre os indivíduos? Alguns preferem levar a termo um projeto individual, mesmo quando vivido no coletivo. Essa seria uma saída para os relacionamentos?

Em primeiro lugar este é um homem para quem só resta seu pendão lúdico para com sua identidade. Na emergência do hospital, quando lhe perguntam nome e endereço para que ele possa ser liberado para voltar à sua residência, ele percebe a sua condição de desmemoriado e cria um nome para si. Ou quem sabe seja o nome real? Mas eu sinto que há um impulso zombeteiro na tentativa de lembrança de seus dados mais banais. Então, frustrado pelos seus desamores, ele caminha por um mato nos arredores de Porto Alegre querendo voltar para o pronto-socorro, e nesse caminho ele convive com os bichos. Tem um impulso erótico com uma felina. Admira um beija-flor em volta de uma corola, inveja a operância de uma coletividade de formigas, expulsa sua urina torpe sobre elas. E corre, corre desabaladamente, como que querendo vencer o sofrimento, a morte. Corre com a dúvida se sua maca continua vazia, se os médicos se recordarão minimamente dele ou se dirão que o paciente anterior daquela maca morreu do seu trauma craniano. O que ele fará morto? O livro guarda uma surpresa final.

ENTREVISTA

Mia Couto

Os sentimentos que arrancam um autor da zona de conforto

O escritor moçambicano, convidado da Fliporto 2012, conversa com exclusividade sobre o medo primordial que percorre a trama do seu novo romance, *A confissão da leoa*

BEL PEDROSA/DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Luís Henrique Pellanda**

Em 2008, em poucos meses, um grupo de leões devorou 26 pessoas na Vila de Palma, no norte de Moçambique. O biólogo e escritor Mia Couto acompanhou o caso de perto: ele estava lá, a serviço, quando aconteceu o primeiro ataque. E como a empresa em que trabalha havia mandado diversos outros funcionários à região, tornou-se necessário contratar caçadores para protegê-los. A ordem era eliminar as feras o quanto antes. Mas o que se seguiu foi um período de terror e dificuldade, em que se fundiram medo, mistério, violência e superstição. Um drama que, a Mia Couto, inspirou a escrita de seu

livro mais recente, *A confissão da leoa*, que trata tanto de conflitos sociais gravíssimos quanto do esboroamento das fronteiras entre humanidade e mundo animal.

Na versão ficcional de Mia, as vítimas são sempre femininas. E o que começa como narrativa aparentemente aventureira acaba por se revelar um romance sobre a terrível condição das mulheres na sociedade africana de hoje. Na trama, uma expedição é enviada ao local dos incidentes, a aldeia Kulumani. Juntos, seguem o caçador Arcanjo Baleiro, o escritor Gustavo Regalo, o administrador do distrito, Florindo Makwala, e sua esposa, Naftalinda. E é do conflito entre esses personagens e os aldeões em perigo, todos supostamente interessados no bem comum, no

extermínio do mal que os leões representam, que nascem a originalidade e a força política do romance de Mia Couto.

Na entrevista abaixo, o autor fala da gênese de sua nova obra. Conta do medo que sentiu de ser devorado. Discorre sobre o poder transformador da biologia e da literatura, as cicatrizes da guerra e do colonialismo no seu continente, suas responsabilidades como cientista e seu amor por Moçambique. E ainda traça um paralelo entre as atividades de um escritor e um caçador. Ambos se dissolveriam naquilo que passam de si para sua caça ou sua criação, diz ele. “O prazer da escrita está nessa transferência total para a vida da personagem, tal como o prazer da caça está no modo como o predador morre sempre um pouco na presa que abate.”

“ Os movimentos ambientalistas tiveram o mérito de trazer o tema da ‘natureza’ para mais perto do nosso cotidiano

Não sei se você concorda, mas as feras predadoras desempenham um papel importante em nossas vidas: elas devolvem ao humano a consciência de ser carne. Lembro de ler que você, ao receber a notícia da morte da primeira vítima dos leões na Vila de Palma, sentiu medo de ser devorado (“o primeiro medo que nos percorre enquanto espécie”). Foi a primeira vez que sentiu esse medo? Como ele se manifestou? Foi o que o moveu a escrever (ou reescrever) esta história?

Como sabe, sou biólogo e exerço a profissão de ecologista em Moçambique. Há quatro anos, eu estava numa pequena aldeia costeira do Norte do país quando começaram a ocorrer ataques de leões a pessoas. Vieram-me acordar de madrugada com a mensagem lacônica de que estava “ali perto um homem morto”. De fato, na berma de um atalho jazia um homem que regressava essa noite à casa e adormecera, embriagado, encostado a uma árvore. Estava completamente lacerado, o corpo fragmentado em pedaços. Eu já sabia que havia leões nas redondezas, mas o fato de eles terem ultrapassado essa invisível fronteira do território dos homens implicava um desrespeito que poderia ser repetido nas noites seguintes. E assim aconteceu: eu escutava-os rondando as nossas tendas e um medo profundo me roubava o sono. Esse medo era um sentimento primitivo, uma memória de um outro tempo em que a nossa fragilidade estava mais patente. Eu sou um homem urbano, nasci e

creci na modernidade, mas não tinha defesa contra um medo mais antigo que a própria humanidade. Converter aquele horror em história foi a minha primeira defesa. E comecei ali mesmo, sob a luz de uma lanterna, a escrever em papéis soltos. Não era exatamente a escrita, mas a história que me interessava. Porque essa ficção erguia paredes onde me resguardava quando escutava os felinos à noite. Aos poucos percebi que os verdadeiros bichos não eram os leões, mas os monstros que há séculos moram dentro de nós. É ótimo quando estes sentimentos profundos nos arrancam da nossa zona de conforto e nos confrontam com a nossa verdadeira dimensão de seres pequenos, com menos poderes que nós próprios nos atribuímos.

O início de *A confissão da leoa* sugere ao leitor uma possível narrativa aventuresca, gênero comumente associado ao gosto masculino. Mas, aos poucos, o livro se revela diferente. Trata, entre outros assuntos, da condição complicada em que vive a mulher moçambicana e, de forma geral, todas as mulheres da África e do mundo. Essa sugestão de aventura foi proposital? A ideia o seduziu desde o começo do trabalho?
Quando comecei a escrever, ainda sem um propósito narrativo claro, me apercebi do risco de escrever uma história estereotipada de feras e caçadas, uma história que apelasse para o clichês mais errôneos e saturados sobre uma certa África. A solução seria escrever algo

vindo de dentro da aldeia, uma ficção que caminhasse a partir da interioridade desse lugar e dessa gente que normalmente figuram apenas como cenário de histórias feitas por europeus (ou por africanos que querem agradar ao imaginário europeu). E o que fui percebendo – e o que me foi agradando – foi que a aparição dos leões devoradores de pessoas apelava para uma subversão de fronteiras e uma mistura de mundos: a fronteira entre a humanidade e a animalidade, a percepção da ameaça do que é estranho à ordem do pequeno povoado e tudo aquilo que representa a ordem de um Estado moderno e centralizado. Assim, os receios dos aldeões não eram apenas das bestas que rugiam de noite. Os leões (que eram vistos como pessoas incorporando a alma de animais) traduziam apenas o modo como aquela aldeia receava ser devorada pelo mundo e pelo tempo.

Seu nome de “adoção”, Mia, está ligado à relação afetiva que você mantinha com os gatos, na infância. O que restou desse amor de menino? Ele possui, hoje, algum equivalente adulto em relação à sua maneira de ver e compreender os animais?
Formei-me em Biologia animado por uma paixão não exatamente pelos bichos, mas fascinado pela relação que fomos inventando com os animais. Esses animais podem ajudar a nos constituirmos humanos. Para isso, temos que olhar a Natureza como algo que não está fora de nós, mas que constitui parte profunda do que somos.

“ Converter aquele horror em história foi a minha primeira defesa. E comecei ali mesmo, sob a luz de uma lanterna

Os movimentos ambientalistas tiveram o mérito de trazer o tema da “natureza” para mais perto do nosso cotidiano. A Natureza como algo que sentimos o dever de defender. Por vezes, a mensagem ambientalista apela para um sentimento de culpa que, no fundo, legitima a ideia de sermos os grandes responsáveis, os zeladores do planeta. Mas o que falta empreender é uma outra percepção: a natureza está dentro de nós. Não somos o centro do meio ambiente, ninguém nos nomeou curadores do universo. O que está errado não é o Homem enquanto espécie, é um sistema civilizacional que nos coloca em causa. O que carecemos é, sobretudo, de um outro entendimento da vida e do mundo. De uma relação que não seja tão predadora e centrada na ganância do lucro.

Numa entrevista recente, você disse que escreve “sobre o que o aflige como cidadão”. Também disse que suas “militâncias mantêm-se a favor de um mundo melhor”. Você acha que essa é uma das “vocações”, ou potencialidades, da literatura? E o que você escreveu já teve esse poder de transformar o mundo, ou parte dele? Como?
Não tenho essa pretensão. A minha escrita muda-me a mim. De vez em quando, há pessoas que me dizem que a sua vida mudou depois de lerem um certo livro meu. Não creio que seja verdade. O que a escrita pode suscitar é apenas o desejo da mudança, a crença na possibilidade de sermos outros e de vivermos outras vidas. E isso

já é imensamente subversivo, porque impera hoje a ideia de que precisamos nos conformar como meros consumidores anônimos, subservientes ao mercado e cuja intervenção de cidadania está reduzida a meros votantes num sistema político de que todos descremos.

Num texto escrito para o centenário de Ibsen (publicado no livro *E se Obama fosse africano?*), você narra um episódio comovente envolvendo o General Sebastião Mabote, no qual ele tenta, sem sucesso, durante as celebrações do Dia da Mulher, fazer uma multidão masculina gritar: “Somos todos mulheres!”. O texto também fala sobre o medo profundo que os homens têm de viver num futuro feminino, e diz que Ibsen e todos os outros grandes escritores sempre trabalharam contra esse pavor. Esse tipo de ideal também o orienta como escritor?

Uma grande parte dos homens de hoje aceita, mesmo que por vezes hipocritamente, a ideia que a mulher deve ter os mesmos direitos. Alguns estão prontos a apoiar a luta contra a discriminação da mulher. O que parece ser difícil para muitos dos homens é aceitar a pluralidade de seres que os habitam. Nós somos entidades plurais, uma assembleia de criaturas que incluem mulheres, crianças, homens, velhos, gente de todo o tipo, fé e raça. O cantor brasileiro Chico César compôs uma canção muito bela em que ele diz: “Já fui mulher, eu sei”. O problema é que muitos de nós não sabemos dessa condição.

ENTREVISTA

Mia Couto

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Em determinado trecho de *A confissão da leoa*, a personagem Mariamar escreve: “Quem deixa de ter esperas é porque já deixou de viver”. Quais são as suas esperas?

Uma coisa é esperar, outra é ficar à espera. Há muito que deixei de ficar à espera. As mudanças que quero ver acontecer no mundo só acontecerão se fizer algo. A mudança pode ser mínima, mas a atitude nossa não pode ser a da aceitação. Pode suceder que não saibamos o que fazer. Mas isso não se pode traduzir numa cruz de ambos. Eu mantenho a mesma disponibilidade para brigar por aquilo que espero. Aprendi que não se trata de uma questão de esperança, como se a esperança fosse um substituto da fé. É uma questão de empenho, de manter a alma para buscar por um mundo mais justo e mais belo.

Ainda Mariamar: “Toda terra pequena tem braços grandes. Por muito que partamos, nunca dela saímos”. De que tamanho são os braços de Moçambique? Você está preso ao país? Como escritor e cientista, sente-se responsável pelo seu presente, pelo seu futuro? Eu estou condenado ao meu

país e adoro essa condenação. Alguém disse que o que faz alguém ser escritor é o ser-se de um tempo e de um lugar. Estou sobretudo amarrado à minha infância, que foi um momento infinito, uma aprendizagem tão cheia de felicidade que eu ainda hoje moro nesse tempo, no meu pequeno bairro de infância, que era maior que o mundo inteiro. Como escritor e como cientista (e eu não vejo grande diferença entre uma coisa e outra), tenho a responsabilidade de não me tomar muito a sério a mim mesmo e àquilo que faço. Tudo o que faço não é, em rigor, um trabalho, uma missão. É sobretudo um prazer, um labor de brincante, uma brinciação. Por esta razão, nunca dei conta de ser adulto.

Em seu diário, o caçador Arcanjo Baleiro anota que o escritor que o acompanha, Gustavo Regalo, o irrita por “seus ares de intelectual, seu bloco de notas em riste, a incapacidade de ficar calado”. Mas, para um escritor, é possível ou preferível calar-se? Como você, também cientista e jornalista, lida com isso? Aprender a ficar calado é, a meu ver, algo vital. Calado para escutar, para estar disponível

para outras vozes. Um romance anterior meu, que aqui se chamou *Antes de nascer o mundo*, teve o título na França de *Afinador de silêncios*. É um elogio ao silêncio, a esse silêncio que não é simples ausência, mas através do qual se escutam vozes que não são audíveis senão numa profunda harmonia com o mundo. Esse silêncio permite-nos escutar a nós mesmos. Umberto Eco chama a atenção para a proliferação de ruídos em que hoje nos rodeamos: os restaurantes têm música e televisão, viajamos com auscultadores, não resistimos a ficar tempo sem usar desnecessariamente os celulares.

Eu acho que Moçambique me dá uma lição todos os dias: o modo como num diálogo há espaços e pausas para o silêncio. Eu vejo isso nas conversas da rua, nos cerimoniais de saudação, em todos os momentos de retórica. Entre os interlocutores há uma deixa, cada um sabe o tempo da sua fala e do silêncio, sem que haja interrupção ou sobreposição de discursos. Também não existe aquilo que é muito comum na Europa, que é o receio do momento em que todos se calam e esse



COMBATIVO

A obra, além de relatar as lendas de Moçambique, trata de graves questões sociais

silêncio surge como um vazio que é urgente preencher. Aqui o silêncio está sempre cheio.

Quando Arcanjo Baleiro, em meio à expedição de caça aos leões, diz que seu “olhar percorre as paisagens como um fogo lambendo os capins”, revejo a figura do “incendiador de caminhos”, que você retratou numa conferência de 2006. Há alguma relação entre este caçador relutante e aqueles visitantes, que queimam os caminhos por onde andam, querendo, de certa forma, tomar posse do mundo que fazem arder?

Se existe, eu não pensei nela. Na realidade, os caçadores são famosos pelo modo como inventam e amplificam as suas histórias, os seus casos heróicos. Mas eu creio (e isso está patente neste livro) que não há uma grande diferença entre o ato de caçar e o ato de inventar uma narração. Existe, nos dois casos, uma mesma relação em que o autor e o caçador se dissolvem naquilo que realizam, se anulam e se transferem de si mesmos para as personagens ou para as presas. O prazer da escrita está nessa transferência total para a vida da personagem, tal como o prazer da caça está no modo como o predador morre sempre um pouco na presa que abate.

Para o personagem Adjiru, contar histórias é “deitar sombras no lume”. E para você? Contar histórias não teria uma função, quem sabe, iluminadora? Não sei se se pode falar em “função” quando se fala de arte. Não porque a arte não cumpra um

“ O sexo, sim, tem uma função. O amor serve apenas para amar. E amar não é um serviço. Está acima do funcional

papel social, mas porque ela deve escapar a uma visão funcional de si mesma. Acontece o mesmo com o amor. Não tem função. O sexo, sim, tem uma função. O amor serve apenas para amar. E amar não é um serviço. Está acima desse critério funcional.

Gustavo Regalo fica intrigado com o preceito, improvisado por Baleiro, de que com a mão esquerda não se mata (por ser a que segura as crianças no colo). Essa ideia, ótima, foi criada exclusivamente para a narrativa ou você realmente a colheu em algum lugar?

Creio ser minha. Mas talvez seja inspirada por velhos preceitos que repartem o nosso corpo num lado santo e num outro pecador. O que é seguramente meu é o motivo invocado, o facto dos filhos fazerem colo no nosso lado esquerdo, o lado do coração, o lado em que a maior parte das mães apoia os seus bebês.

Durante todo o romance, o caçador dirige ao escritor certo desprezo. Não o vê com bons olhos e o trata como falastrão, “ave de rapina”, “necrófago” a “debicar desgraças, por entre sobreviventes cujo luto é o silêncio”. Isso é uma espécie de autocritica, uma crítica à categoria ou você discorda de seu personagem? Nesse sentido, o que a guerra pode ensinar a um escritor?

Gosto da pergunta. Na realidade, eu tenho uma certa guerra com o meu lado escritor. Raramente me vejo como escritor e quase nunca me represento nesse papel de “autor literário”. É evidente que há entre os escritores gente

de todo tipo. Alguns dos meus maiores amigos são escritores. Mas é possível fazer alguma generalização, e não me sinto bem como alguns escritores, que estão cheios de si mesmos e se levam muito a sério. Creio que existe, antes disso, uma certa sacralização do ato de criar histórias, uma visão romântica que converte os artistas em seres especiais.

Respondendo mais concretamente à sua pergunta; a guerra não foi feita para ensinar, mas para anular a sabedoria dos outros. O que aconteceu é que para resistir a essa anulação nós somos forçados a aprender da nossa condição humana aquilo que provavelmente não aprenderíamos em situações de normalidade social. Vivi mais da metade da minha vida em guerras e cada um delas foi diferente. A última demorou 16 anos e aniquilou um milhão de pessoas. Imagino que é difícil um brasileiro comum fazer ideia do que é atravessar esse deserto de horror e desespero. Uma resposta é procurar humanidade nos mais pequenos gestos. Descobrir, por exemplo, que temos vizinhos e cada um deles tem uma história. Essas histórias eram de resistência, de resposta ao caos, e ajudavam a procurar saídas nesse cerco em que tudo parecia desmoronar.

Arcanjo Baleiro diz: “Qualquer coisa na escrita me sugere o prazer da caça. No vazio da página se ocultam infinitos sobressaltos e espantos”. Mas ele também confessa não suportar o peso de sua própria alma, revelando que

caça porque só assim pode se sentir vazio, “isento de ser homem”. É o oposto do que ocorre com um escritor?

O escritor precisa sentir as duas coisas: deixar de ser homem, estar isento da sua própria humanidade e, ao mesmo tempo, trocar-se com os outros, de modo a estar disponível para nascer outras vezes e se espantar como um menino que descobre a primeira vez das coisas. Quando acompanhei o caçador eu verifiquei o quanto eu estorvava o seu esforço de procurar caminhos em silêncio e emboscar a presa. E sentia uma imensa inveja do modo como aquele homem sabia ler a terra, ler os sinais dos bichos e os silêncios do mato. Sentia-me um analfabeto em relação a um saber que foi essencial para a sobrevivência da nossa espécie. Muito do que somos hoje resulta desses milênios em que fomos caçadores. Foi na caça que aprendemos muito do nosso sentido de cooperação, da nossa capacidade de repartir silêncios e inventar histórias sobre caçadas. Os nossos deuses primeiros e mais duradores foram os que nos protegiam dos perigos dos bichos e nos convertiam, ao mesmo tempo, em irmãos desses mesmos bichos. Nunca fui amigo da caça. Mas muitos dos meus amigos são caçadores. Neles reside esse insolúvel enigma: amam os bichos, mas não resistem a dar-lhes caça. Em todos eles reina essa mesma ética: nós não matamos. Nós caçamos.

Ao escrever *A confissão da leoa*, você buscou fugir

“ O grande vício do escritor é ser outros, transmutar a identidade, viajar para outras vidas. O biólogo tem um vício próximo

dos estereótipos ligados às histórias de caçada e a vários preconceitos relacionados a uma noção de África selvagem. Narrativas como as do Coronel J. H. Patterson, famoso matador de leões comedores de gente, são muito conhecidas no continente? Me parece que, fora da África, a ideia que se faz dos leões é sempre mediada por esse tipo de clichê.

Dentro da África existem todas as concepções sobre a África, sobretudo aquelas que foram criadas fora da África e contra a África. Essa visão romântica e exótica do continente é reproduzida nas cidades por jovens que veem na televisão a reedição de uma imagem folclórica de si mesmos. Poucos terão lido as narrativas de Patterson, mas hoje a replicação da visão colonial já dispensa os colonizadores. Os próprios africanos, membros das elites, assumiram esse papel. A colonização tornou-se indígena, naturalizou-se e internou-se nas hierarquias dos países periféricos.

O que se passa é que, nas cidades ou nas zonas rurais, persistem dualidades e versões contraditórias do que somos enquanto africanos. Mas isso não é algo típico da África. O próprio Brasil encerra essas dualidades. Persiste o chamado Brasil profundo, onde a onça-pintada poderia fazer o papel do leão na narrativa romântica de uma certa África. O problema não é aceitar a existência desses mundos, mas pensar que essa África ou esse Brasil sejam mais autênticos, mais genuínos ou mais puros. Todos estes segmentos da identidade africana

(ou brasileira, se quisermos) são hoje mestiçados, e se são “genuínos” é por causa da sua “impureza”, da sua diversidade.

O caçador é um homem viciado em milagres. Qual o vício do biólogo e do escritor?

O grande vício do escritor é ser outros, transmutar de identidade, viajar por outras vidas. O biólogo tem um vício bem próximo, que é o entender-se como sendo apenas uma criatura numa teia de outras criaturas que, por mais feias e aparentemente distantes, são sempre nossos parentes. Um biólogo estuda, logo no princípio da sua formação, o princípio da ontogenia, que ilustra como se organizam os processos da gênese do nosso corpo. Esse aprendiz de biólogo não pode deixar de ver que, no nosso desenvolvimento fetal, fomos peixes, anfíbios, répteis, e só depois mamíferos. Tivemos gueltras, nadamos e respiramos dentro de um oceano privado que era o ventre materno. Parecemos indivíduos feitos de nós mesmos, mas a maior parte da nossa identidade provém de outras espécies que vivem em simbiose dentro de nós. Somos feitos de bactérias que migraram para o interior das nossas células há milhões de anos. Elas não apenas vivem em nós. Elas são o que nós somos e nós só somos porque partilhámos as nossas entranhas com essas estranhas. Um biólogo deve ter a mesma abertura de espírito e a mesma disponibilidade em aceitar que cada um de nós é todos os outros seres vivos. O verdadeiro milagre é estar vivo e ser a Vida inteira num indivíduo efêmero. Esse é o nosso milagre.

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



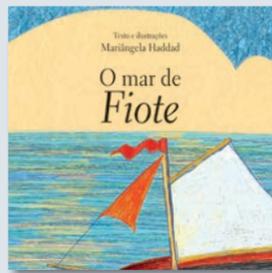
Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



O MAR DE FIOTE
Mariângela Haddad

Vencedor do Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil/2011 na categoria infantil. Ilustrado pela autora, conta a história de um menino que, com pai ausente e cercado de irmãs tagarelas, não consegue se expressar.

R\$ 35,00



O DIA EM QUE OS GATOS APRENDERAM A TOCAR JAZZ
Pedro Henrique Barros

Com esta narrativa impactante o carioca Pedro Henrique Barros venceu o Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil de 2011, na categoria juvenil.

R\$ 35,00



A CASA MÁGICA
Maria Amélia de Almeida

A casa mágica, da pernambucana Maria Amélia de Almeida, veterana na literatura infantojuvenil, compartilha com as crianças de hoje as experiências de um mundo antigo.

R\$ 25,00



O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX
Claudia Poncioni

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

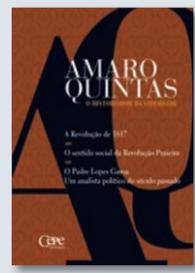
R\$ 95,00



PONTES E IDEIAS
Louis-Léger Vauthier

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

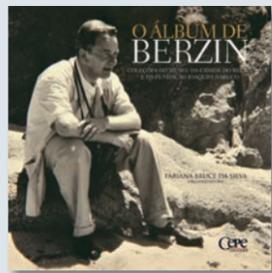
R\$ 60,00



AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE
Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R\$ 60,00



O ÁLBUM DE BERZIN

Compilação do trabalho fotográfico de Alexandre Berzin, a partir dos arquivos da Fundação Joaquim Nabuco e do Museu da Cidade do Recife. O registro do fotógrafo vai desde detalhes arquitetônicos até cenas de carnaval, passando por paisagens urbanas, rurais e marinhas.

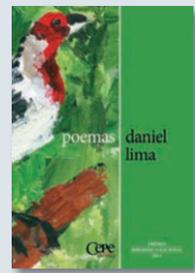
R\$ 60,00



ELUCIDÁRIO
Fernando Cerqueira Lemos

Escrito por um especialista no assunto, com cerca de 400 verbetes, em linguagem acessível e direta, além de ricamente ilustrado. Obra útil para colecionadores, leiloeiros, decoradores, arquitetos, antiquários e marchandes.

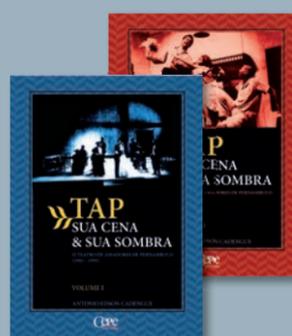
R\$ 90,00



POEMAS
Daniel Lima

Há meio século, o Padre Daniel produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora, os amigos venceram sua resistência em publicar os versos e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

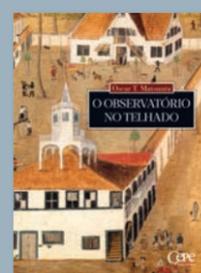
R\$ 45,00



TAP: SUA CENA & SUA SOMBRA
Antonio Edson Cadengue

Antonio Cadengue, que estudou o Teatro de Amadores de Pernambuco por 10 anos, mostra seus momentos mais significativos, assim como as excursões feitas em diversas cidades e capitais brasileiras e as suas principais montagens.

R\$ 90,00
(box com 2 volumes)



O OBSERVATÓRIO NO TELHADO
Oscar T. Matsuura

Resultado de anos de estudo sobre a vida e obra de Jorge Marcgrave, o livro faz parte da comemoração do 4º centenário de nascimento do principal responsável por grandes estudos astronômicos e cartográficos em Pernambuco.

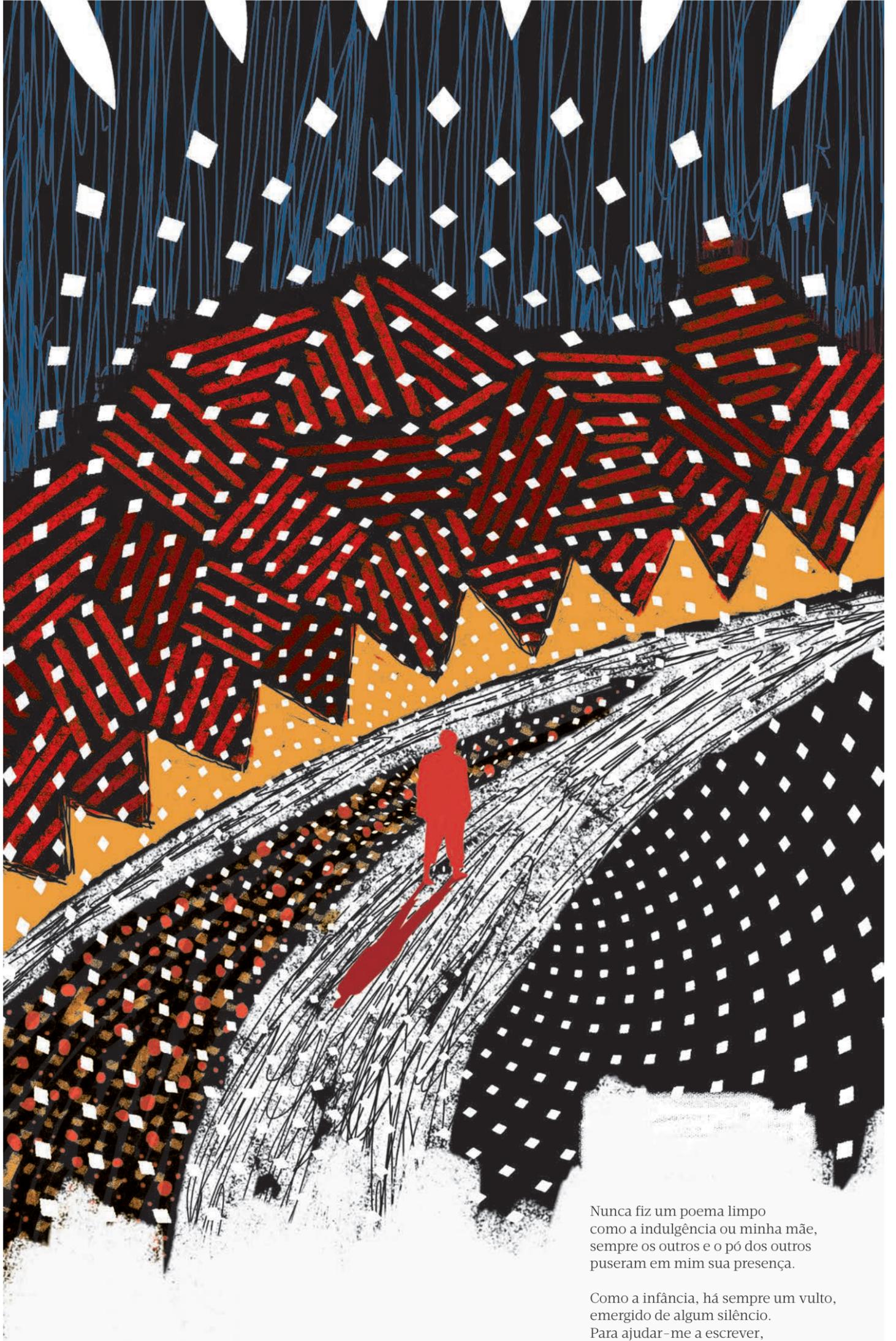
R\$ 25,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Alberto da Cunha Melo



Influência das vozes

Nunca fiz um poema limpo
como a indulgência ou minha mãe,
sempre os outros e o pó dos outros
puseram em mim sua presença.

Como a infância, há sempre um vulto,
emergido de algum silêncio.
Para ajudar-me a escrever,
vem segurar na minha mão.

Mas rasgo tudo, rasgo o que amo
e vejo tudo realizado
nas outras mãos, enquanto fico
desconfiando de minha força.

Às vezes mostro a meus amigos
minha flores, peço-lhe água...
Eles sorriem, são meus amigos,
mas também estão no deserto.

Já não desejo ser autêntico:
sobre uma só realidade,
eis-me na Terra, como os outros;
sou os outros, e morro só.



CONVIVÊNCIA

– **Você não deveria** ficar tanto tempo sentada.

Com exceção da lâmpada de leitura e a da tela do computador, quase não há iluminação, apenas o suficiente para perceber uma mulher à mesa, os dedos ágeis pelo teclado. Sobre a mesa uma taça de vinho tinto, algumas pilhas de livros e cadernos.

– Depois reclama de dor nas costas.

Ela bebe um gole da taça, começa a ler em voz alta o parágrafo que acabara de escrever. Alguém se aproxima por trás, no início ainda escondido pela penumbra do quarto. Depois é possível distinguir um homem jovem, elegantemente vestido, cabelo penteado com estudo desleixo. Ele se aproxima, pouca as mãos em seus ombros, massageia-os, ela continua lendo como se o ignorasse. Ele insiste:

– Você não tem ido à academia, não pense que eu não percebo essas coisas.

Sem tirar os olhos da tela do computador, ela reage impaciente:

– Quer parar de se meter na minha vida? Quem é você agora, meu *personal trainer*? Minha professora de balé?

Ele continua com as mãos em seus ombros, deslizando pelas costas, pelos braços, aperta-os com força.

– Você sabe que depois dos trinta o corpo já não é mais o mesmo, não tem mais a mesma musculatura, a mesma elasticidade, não dá para deixá-lo ao Deus dará. Sem falar na sua coluna – ele desce os dedos pela coluna – olha, você vai ficar toda torta se continuar assim.

Ela faz um movimento brusco para livrar-se da massagem.

– Me deixa trabalhar em paz, por favor.

Ele se afasta, aparentemente magoado, na penumbra quase não é possível distingui-lo, ouve-se apenas a voz:

– Meu Deus, que mau humor, eu só estava querendo ajudar.

Silêncio.

Ela continua escrevendo. Ouvem-se os seus passos atravessando o quarto, ele acende um pequeno abajur. Sentado numa poltrona, cruza as pernas, tira um charuto do bolso do paletó, admira-o por alguns instantes, a seguir desenvolve uma espécie de ritual, até acendê-lo finalmente. Após as primeiras baforadas, faz uma pausa e diz:

– Sabe, eu me preocupo com você.

Ela finge não ouvir. Ele insiste.

– Você não acredita, mas eu me preocupo de verdade – diz ele em tom dramático.

– Não precisa. Preocupe-se com você mesmo.

Ele parece muito à vontade naquele lugar, como se o frequentasse desde sempre. Dá mais uma baforada. Ela, ao sentir o cheiro da fumaça, vira-se pela primeira vez, e lançando-lhe um olhar de reprovação, diz:

– Desde quando você fuma charuto? Não me lembro de ter escrito isso.

Ele sorri irônico. Fica alguns instantes em silêncio, como se tentasse criar algum tipo de suspense, e diz:

– É, realmente, você não escreveu – e após nova pausa, completa. – Ainda.

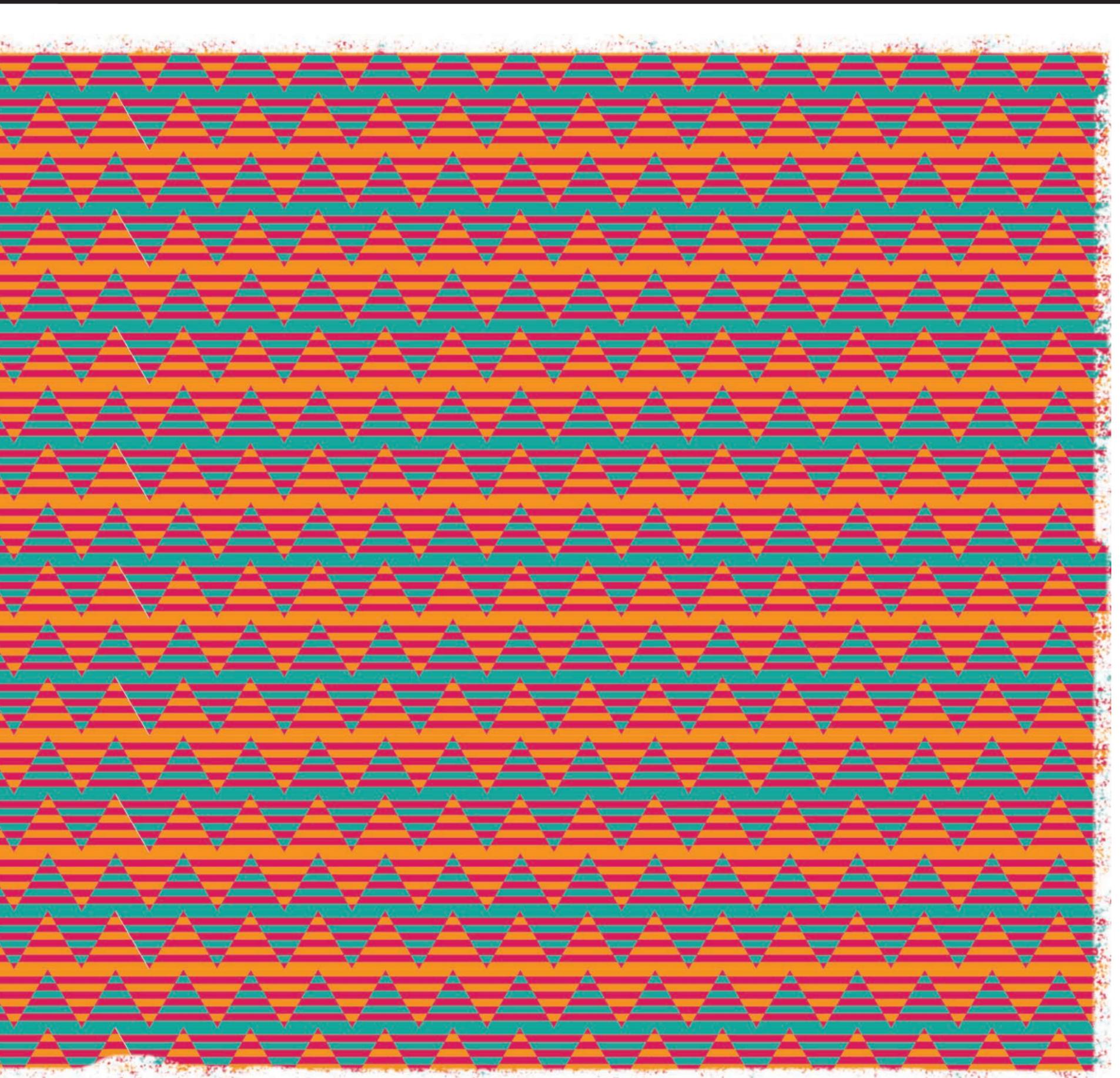
– Então... – a voz dela soa impaciente.

– Então nada. Eu achei que ficaria bem, combina comigo, não acha?

– Não, eu não acho – diz ela, afastando o teclado e sentando-se sobre a mesa, os pés apoiados na cadeira. Bebe mais um gole do vinho.

Ele continua:

– Se você observar bem as minhas atitudes desde o início, minha aparência, minha personalidade, meu espírito, não no sentido de alma, que a alma não nos interessa, mas no sentido do *Geist*, o *Geist* que os alemães tão bem souberam separar de *Seele*, alma, enfim, se você considerar todas essas questões vai perceber que é óbvio que eu fumo charuto.



– Óbvio? – ela dá uma gargalhada.
 – É o único que me faltava, você querer me dar conselhos sobre o que eu devo ou não devo escrever, sobre como construir meus personagens. E como se não bastasse, ainda vem com essas explicações em alemão, não pense que isso me impressiona.

Ele, sem perder a calma, enquanto observa a fumaça que se espalha pelo ambiente, diz dando ênfase ao tom arrogante:

– Imagina, longe de mim querer te impressionar! – por um instante ele a olha com raiva, mas logo volta à expressão anterior, ao jeito desinteressado. – Eu não estou te obrigando a nada, estou apenas sugerindo. Além do mais, qual é o problema? Não seja tão autoritária, não fica bem em você.

– Autoritária?

– Sim, querida, autoritária, é o que você está sendo. Autoritária e intransigente. Moralista até, afinal, o que tem demais eu fumar um charuto?

– Moralista? Não acredito que você está me dizendo isso!

– Além do que, todos sabemos que a partir de um certo ponto da trama, os personagens adquirem vida própria. Todo autor diz isso nas entrevistas.

– Eu não sou todo autor, e eu nunca disse isso em entrevista alguma.

Ele pega o jornal na mesinha ao lado da poltrona, abre-o, olha com desdém para alguma reportagem, diz:

– É, suas entrevistas nunca foram muito interessantes mesmo.

– Olha, não estou gostando nem um pouco do rumo desta conversa. Sabe de uma coisa, não vou ficar aqui discutindo, tenho mais o que fazer. Se você preferir fumar, fuma, faz o que bem entender.

Ela volta a sentar-se à mesa, tenta concentrar-se novamente na tela do computador. Ele sorri vitorioso. Os dois ficam em silêncio. Ele pega o jornal, passa os olhos por algumas páginas, fecha-o, deixa-o outra vez sobre a mesinha. Ela inicia a leitura do mesmo parágrafo anterior, ele ouve atentamente com expressão reprovadora. Quando ela termina a leitura, ele pergunta:

– Você não acha que eu estou ficando muito parecido com aquele seu ex-namorado?

Ela responde, sem tirar os olhos do computador:

– Ex-namorado? Claro que não, nem sei de onde você tira essas coisas. Além do mais, eu nunca namoraria alguém que nem você.

– Ah, não?

– Não.

Ela continua concentrada, agora fazendo anotações num caderno.

– Então eu me pareço com quem?, ele insiste.

– Com ninguém, por que você teria que se parecer com alguém?

– Porque todo personagem se parece com alguém que passou pela vida do autor. Tudo é autobiográfico. Não há como fugir disso.

Ela interrompe as anotações e se vira em direção a ele:

– Me diz uma coisa, que livros você anda lendo ultimamente?

– Não li em livro nenhum, todo mundo sabe disso.

– Todo mundo sabe? E quem é todo mundo?

Ele não responde, apenas ri sarcástico e continua fumando.

– Escuta uma coisa, você é uma invenção minha, você não existia antes, eu te inventei do nada, entende, do nada.

– Ninguém inventa nada do nada. Não se faça de sôsa.

Ela se levanta da cadeira, vai até ele, senta-se no braço da poltrona, passa a mão em seus cabelos com força, como se os puxasse, ou despenteasse.

– Eu não estou me fazendo de sôsa. Sabe o que me incomoda em você?

– Há algo em mim que te incomoda? Sério? Jamais teria imaginado.

– É essa tua arrogância, tua soberba. Quem você pensa que é?

Ele faz carinho em seu braço, diz com voz suave e calma:

– Mas, querida, não há nada meu que não tenha saído de você. Afinal, como você acaba de afirmar com tanta propriedade, você me inventou do nada, eu sou uma criação tua, só tua, não sou? Então, essa soberba, essa arrogância, de onde mais pode ter saído? – Ele tenta fazer um carinho em seu rosto, mas ela se afasta.

Em silêncio, ela volta a se sentar à mesa, arruma o teclado, recomeça a escrever. Para por uns instantes, bebe um gole de vinho. Ele continua sentado na poltrona, afasta um pouco o abajur. Na penumbra percebe-se apenas a fumaça do charuto, e de repente, uma voz.

– Não vou mais te interromper, querida, prometo. Nem quero me meter no que você faz ou deixa de fazer.

Ela não responde. A voz continua:
 – Mas você não acha que está bebendo demais?

RESENHAS

REPRODUÇÃO



Herói de Balzac numa imagem bela e cruel

Obra menos conhecida do mestre tem lançamento graças ao romance de Javier Mariás

Raimundo Carrero

O romance poderia se chamar *O triste fim do Coronel Chabert*, mas Balzac, o grande e extraordinário Balzac, preferiu o breve e lacônico o *coronel Chabert*, como ocorre na maioria dos seus romances, a exemplo de *Tio Goriot*, para, enfim, reduzir o herói das guerras napoleônicas a uma imagem cruel, estarrecedora e bela, naquilo que a beleza tem de terrível e estarrecedor, senão de grotesco “— Ele foi dado por morto na batalha de Eylau. É amontoado numa vala com outros corpos nus, o coronel, porém, recobra a consciência antes de se enterrado, acredita estar morto, se dá conta de que está vivo, com muita dificuldade e sorte consegue sair daquela montanha de fantasmas depois de ter pertencido a eles, sabe-se lá por quantas horas, de ter ouvido e de ter acreditado ouvir gemidos soltados pelo mundo de cadáveres, em meio ao qual jazia”.

O livro, porém, só pode ser encontrado nas livrarias acoplado ao romance *Os enamoramientos*, de Javier Mariás, também com tradução de Eduardo Brandão. Javier tomou a obra de Balzac como mote para construir sua premiada “tese” sobre o tempo que leva para algo ou alguém ser substituído. Graças à sua metalinguagem, temos a chance de conferir essa obra menos conhecida do grande mestre.

Balzac usa, na técnica narrativa, o diálogo direto, que dá ao livro uma velocidade contida, como uma espécie de teatro silencioso, movimentos escassos. O princípio, apesar da imensa qualidade técnica, é extremamente vagaroso, às vezes enfadonho, destacando-se aí a lenta descrição de ambientes e de documentos cartoriais, além de breves perfis que constantemente interrompem as conversas e, portanto, o enredo. Mesmo assim aí aparece o advogado Derville que se

tornará um dos narradores do romance, porque parte dele a história do coronel, misteriosa, enigmática e chamada também de inverossímil, por um dos personagens. O começo do romance é realizado numa grande digressão, de forma que nem de longe lembra o principal motivo da história. Tudo de acordo com a técnica balzaqueana de não entrar logo na narrativa, cercado-a de descrições, de ambientações, quase documentais, e da construção de personagens nem sempre essenciais. Quando o leitor, enfim, entra na história, já está cercado pela ambientação e pelo clima, feito alguém que entrasse numa casa pelos quartos, pelas salas e pelos corredores, para só depois encontrar os donos. Esta é uma técnica comum no autor francês, que neste sentido é transformado numa espécie de sociólogo ou de psicólogo social, a examinar e a revelar a vida íntima das famílias ou até da sociedade.

Destaque-se, ainda, a força dos personagens, mesmo de maneira indireta, como é o caso do próprio coronel Chabert, criado a partir da voz do advogado Derville.

Apesar da lentidão nas descrições e perfis de personagens é sempre bom ler o velho Balzac, quando vivemos grandes emoções e aprendemos muito no trato da narrativa.



ROMANCE

Os enamoramientos / O coronel Chabert
 Autor - Javier Mariás / Balzac
 Editora - Companhia das Letras
 Preço - R\$ 49,50
 Páginas - 344

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

CULTURAL DIGITAL

Flipporto recebe canadense defensor do fim da lei do copyright e criador do creative commons

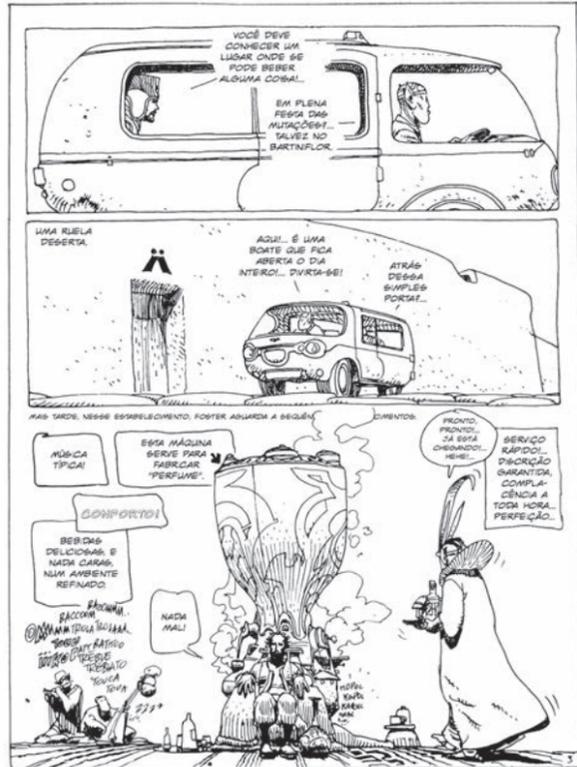
Entre as muitas atrações da Flipporto, uma em especial chama a atenção dos aficionados em tecnologia e cultura digital. A antiga “Flipporto Digital”, que agora se chama E-Porto Party, vai contar com feira de e-books, palestras e parceria com a Microsoft, além da presença do canadense Kory Doctorow (foto), fundador de um dos sites mais acessados da internet, o *BoingBoing*. A

programação acontece na Biblioteca Pública de Olinda, no bairro do Carmo. Kory é ativista da liberdade de expressão na internet e do fim das leis do copyright, tendo sido um dos criadores do *Creative Commons*, conjunto de leis que trouxe novo panorama às licenças de conteúdo na web. A parceria da Flipporto com a Microsoft vai permitir auxílio à publicação de novos autores na rede.

DIVULGAÇÃO



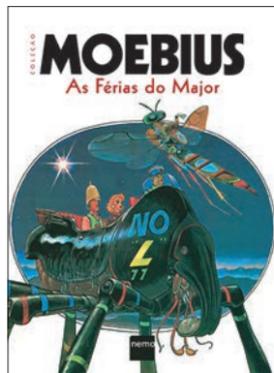
REPRODUÇÃO



Jean Giraud reunido

Quinto volume da Coleção Moebius, *As férias do Major* encerra a maior reunião de histórias de Jean Giraud – pseudônimo do desenhista francês –, lançadas no Brasil. O livro abre com *Escala em Pharagonescia*, uma narrativa sem roteiro voltada para a questão da metafísica da transformação do ser. Em seguida, apresentam-se *Split*, o pequeno pioneiro do espaço, *Grande Hotel B*, *O invasor*, *Uma aventura de John Watercolor*, o justiceiro antipunguista, com seu famoso sobretudo assassino, *Faltam meios*, *Fábula rápida nº 317* e *Matador de aluguel* – conto que se afasta um pouco do estilo consagrado de Moebius e seu universo fantástico. Contudo, o maior atrativo da compilação são as oito aventuras de um de seus heróis mais conhecidos, o Major Grubert ou Major Fatal, protagonista de *A garagem hermética*, título lançado no País

sob o mesmo selo. Num fino traço em preto e branco, a obra é repleta de humor e fantasia, características do trabalho do artista. Com a mesma qualidade da edição europeia, o livro possui formato 24x32, em capa dura e promete ser um indiscutível fetiche para os fãs do gênero. **(Olivia de Souza)**



QUADRINHOS

As férias do Major
Autor - Moebius
Editora - Nemo
Preço - R\$ 49,00
Páginas - 77

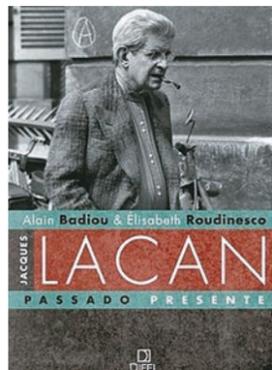
DIVULGAÇÃO



Em nome de Lacan

Élisabeth Roudinesco (foto) é hoje uma espécie de bastião a defender a Psicanálise dos seus inúmeros detratores. Desta vez, a historiadora, psicanalista e jornalista do *Le Monde* se reúne ao escritor e filósofo Alain Badiou para repensar o legado de Jacques Lacan, o pensador da desordem, em *Jacques Lacan – Passado presente*. Os dois autores dedicam grande parte do livro aos encontros que tiveram com a obra lacaniana. Primeiro um encontro social e, depois, um encontro com suas ideias, suas posições políticas, sua relação com a filosofia e o controle por ele exercido sobre o mundo intelectual dos anos 1960 e 1970. “Lacan, por um lado, foi quem fez os filósofos compreenderem que a Psicanálise trazia uma revolução filosófica. Por outro, porém, foi quem

levou os psicanalistas a se voltarem para a filosofia. Esse segundo movimento da balança me parece capital: Lacan se alimentou da filosofia e fez muitos filósofos irem a seu seminário para empurrar para cima os psicanalistas”, observa Roudinesco. **(Schneider Carpegiani)**



PSICANÁLISE

Jacques Lacan – Passado presente
Autores - Alain Badiou e Elisabeth Roudinesco
Editora - Difel
Preço - R\$ 25,00
Páginas - 96

PRATELEIRA

PÁGINAS SEM GLÓRIA

A obra traz contos e novelas de formas e temáticas diversas, em que os personagens são anti-heróis vivenciando dramas brasileiroíssimos, como o jogador de futebol de areia levado para um grande time; o indigente Jesus, que é expulso da igreja e acaba sendo protagonista de um filme-clichê; ou, ainda, o aspirante a escritor, que tem na avaliação crítica de uma amiga um material melhor do que o conteúdo dos seus originais.



Autor: Sérgio Sant'Anna
Editora: Cia. das Letras
Páginas: 184
Preço: R\$ 29,50

A TRADUÇÃO LITERÁRIA

Conhecido tradutor do inglês para o português, Paulo Henriques Britto reflete sobre a complexidade da tarefa, desenvolvendo ideias com objetividade e emprego de argumentos bem elaborados, que muitas vezes contrariam a orientação de teóricos da atualidade. O livro interessa tanto a iniciantes quanto a profissionais em teoria e prática da tradução, ajudando a resolver dificuldades comuns a quem lida com o assunto.



Autor: Paulo Henriques Britto
Editora: Record
Páginas: 157
Preço: R\$ 34,90

A INVENÇÃO DA CULTURA

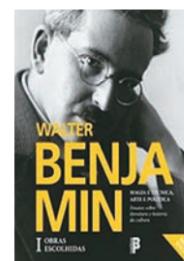
Lançado há 35 anos, em boa hora o livro foi traduzido para o português, por Marcela Coelho de Souza, preenchendo uma lacuna no meio antropológico brasileiro. A obra reflete sobre o polêmico conceito de cultura em antropologia, considerando os modos nativos de conceitualização. Wagner reformula a disciplina antropológica, obrigando-a a uma reflexão sobre a cultura a partir dos dados que levam os povos à sua concepção.



Autor: Roy Wagner
Editora: Cosac Naify
Páginas: 384
Preço: R\$ 33,90

OBRAS ESCOLHIDAS

Lançadas originalmente na década de 1980, com tradução de Sérgio Paulo Rouanet, as obras do filósofo alemão foram revisadas pelo professor da Unicamp Márcio Seligmann-Silva, ganhando capa e projeto gráfico moderno. A coleção, em três volumes, contem ensaios clássicos como *O narrador*, *Sobre o conceito de história*, *Pequena história da fotografia*, *Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo*, entre outros.



Autor: Walter Benjamin
Editora: Brasiliense
Páginas: 272
Preço: R\$ 50,00

INFINITUM NIHIL

Johnny Depp publica biografia de Bob Dylan

Os fãs de Bob Dylan terão de esperar até 2015 para ler a biografia do roqueiro, *The unraveled tales of Bob Dylan*, de Douglas Brinkley, baseada em pesquisas de arquivo e entrevistas exclusivas. A obra fará parte da Coleção Infinitum Nihil, lançada pelo ator norte-americano Johnny Depp em parceria com a editora Harper. A primeira mostra das preferências literárias de Depp será *House of Earth*, do cantor folk Woody Guthrie, escrito em 1947.

CAFÉ COLOMBO

Entrevistas do programa radiofônico podem ser lidas

Desde 2002, aos domingos, a equipe do *Café Colombo*, na Rádio Universitária FM, conversa sobre livros com romancistas, poetas, jornalistas, críticos literários e outros profissionais, somando mais de 250 entrevistas. Agora, 22 delas saíram em livro. *Conversas no Café – Uma seleção de entrevistas do Café Colombo* reproduz o papo com Raimundo Carrero, Xico Sá, Gilvan Lemos, Ângelo Monteiro, Marcelino Freire, entre outros.

LIVRO DIGITAL

Inscrições ao 4º Congresso Internacional CBL

Estão abertas as inscrições ao 4º Congresso Internacional CBL do Livro Digital, de trabalhos científicos e acadêmicos, conceituais e inéditos. Uma comissão vai escolher os vencedores, que serão publicados na revista de gestão da USP. O evento é o principal fórum brasileiro de debate das tendências desse mercado. A edição acontece em 13 e 14 de junho de 2013, na Fecomércio, em São Paulo.

CRÔNICA

Francisco Azevedo

JANIO SANTOS



Gabriel García Márquez sabe bem transitar em meio a nós

Verão de 1974. Morre Dona Maria da Soledade Alonso – minha avó materna, figura essencial que me educou e formou. Com 22 anos, vivendo ainda a dor da recente perda, leio *Olhos de cão azul*, de Gabriel García Márquez, por recomendação de meu amigo e professor de Literatura, Mario Barreto. O livro, uma coletânea de onze contos, tem a morte como tema central. Por estranho que pareça, as histórias e suas personagens me distraem e me confortam. Mais ainda: me ensinam e, no meu pouco tempo de estrada, me abrem novos horizontes. Nessas páginas, escritas no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, já encontramos a originalidade e a liberdade criativa do renomado escritor colombiano. Diferentes visões da morte me são por ele sugeridas: por um lado, existências sem sentido e sem vida. E, por outro, contraditoriamente, finais que, embora tristes, realizam e trazem plenitude. É assim que, na juventude, nessas horas de luto e recolhimento, sou apresentado a Gabriel García Márquez que – mesmo sem me conhecer – vem e, pela força de sua palavra, me faz companhia. Palavra que me estimula a recriar a realidade e a aceitar a vida plenamente, com todos os seus fardos, mistérios e atribuições, com toda a sua magia e luminosidade. Lembro-me de que, no conto que dá título ao livro, uma das personagens teme que alguém sonhe com seu quarto e mexa nas suas coisas! Que imagem fantástica! Passo dias refletindo sobre a inusitada possibilidade, que me diverte e comove e assusta e inspira. Sou apanhado de surpresa: em vez da religião é a literatura que me permite o voo de mãos dadas com minha avó “revivida”. Voo que, até hoje, me dá acesso a sonhos despertos.

Esse fácil trânsito de García Márquez por universos incomuns me fascina – tanto quanto Franz Kafka o impressionou na adolescência com sua *A metamorfose*, quando Gregor Samsa acorda, certa manhã, de um sonho agitado e vê que se transformou num inseto monstruoso. Como simples leitor, penso que, em Márquez como em Kafka, essa falta de medida da realidade seja uma forma de retratar o desespero do ser humano diante de sua finitude e, portanto, diante do aparente absurdo de sua existência. O “desmedido” de Márquez, por estar impregnado de poesia, me seduz ainda mais. A poesia – presente não só em seus escritos, mas também em sua vida. A poesia – “*essa energia secreta da vida cotidiana que cozinha seus grãos e contagia o amor e repete as imagens nos espelhos.*” Em seu livro mais recente, *Eu não vim fazer um discurso*, ele nos confessa: “Em cada linha que escrevo trato sempre, com maior ou menor fortuna, de invocar os espíritos esquivos da poesia, e trato de deixar em cada palavra o testemunho de minha devoção pelas suas virtudes de adivinhação e pela sua permanente vitória sobre os surdos poderes da morte.” É a poesia que o leva a acreditar que a imaginação é apenas um instrumento de elaboração da realidade, embora a fonte de criação seja a própria realidade. É a poesia que o faz chorar copiosamente a morte do Coronel Aureliano Buendia, de *Cem anos de solidão*, porque (justifica-se com sua mulher Mercedes) não havia mais jeito – tinha que matá-lo. É a poesia que o leva a ter flores amarelas, de preferência rosas amarelas, em sua mesa de trabalho.

Minha relação de leitor com García Márquez é também relação de amigo. Não que eu tenha tido o prazer de conhecê-lo pessoalmente. A amizade provém da leitura de *Cheiro de goiaba*, das inúmeras afinidades descobertas nessas conversas do autor, já prêmio Nobel de Literatura, com Plínio Mendoza. Nelas, Gabriel nos fala da infância que, por circunstâncias especiais, passou sob os cuidados da avó materna, único menino em meio a inúmeras mulheres. Fala também da autoridade dessa avó que governava uma imensa casa e lhe contava histórias de antepassados mortos e os fatos mais atrozes sem se comover. Por diversas vezes, me dá a impressão de estar narrando passagens de minha infância, meus medos e anseios de adolescente. Sua vida e sua visão de mundo passam a me cativar tanto quanto a obra. A ponto de eu querer homenageá-lo em meu segundo romance, criando uma personagem que, por pura imaginação, conversa com ele. *Doce Gabito*, publicado em março deste ano, foi a maneira que encontrei de, afetuosamente, me aproximar de Gabriel García Márquez e, pelo menos em plano inventado, me tornar seu amigo.

O LIVRO



Doce Gabito
 Editora Record
 Páginas 464
 Preço R\$ 44,90